

BAM

Banco de Ajuda Mútua

rede associada a *dph*
diálogos para o progresso da humanidade

Ficha Técnica

Equipe do BAM Alexandre Aguiar

Maria do Socorro Martins Calháu

Joelma de Souza Vieira

Maria da Graça Esperança

Digitação e Editoração Eletrônica Syone Guimarães da Costa e

Maria do Socorro Martins Calháu

Revisão Alexandre Aguiar

Arte Final Maria do Socorro Martins Calháu

Capa Jean Baptiste Dechery

Impressão Carlos Falcão Gráfica Expressa

Powernet: 532-0770-código-4001487

Edição SAPÉ/BAM

Rua Evaristo da Veiga, 55

salas de cobertura de 05 a 07

Centro - 20031-040

Rio de Janeiro/RJ

tel: (021) 220-4580 - fax: (021) 220-1616 -

e-mail: sape@ax.apc.org

Data Rio de Janeiro, Julho/Agosto de 1997

Apresentação

Quando, em 1994, criamos a rede BAM em parceria com os Coletivos de Educadores do Rio de Janeiro e de Pernambuco, e com o apoio da rede DPH¹, nosso principal objetivo era o de estimular o registro e a sistematização de experiências pedagógicas. E, ao mesmo tempo, construir novos canais de intercâmbio entre educadores através de um banco de dados informatizado e da publicação periódica dos Cadernos BAM.

Confirmando o sucesso dessa iniciativa que vem recebendo uma adesão cada vez maior, esta terceira publicação dos Cadernos BAM teve a sua tiragem ampliada para 500 exemplares, com vistas à sua divulgação junto aos participantes da IV Feira Latino Americana de Alfabetização.

Agradecemos a todos pelo incentivo que vimos recebendo, pelas novas adesões que muito enriquecem esse diálogo e, particularmente, pelo apoio do SAAP-FASE, sem o qual não teríamos realizado esta publicação.

A equipe do BAM

julho/agosto de 1997

¹ Rede Internacional de Intercâmbio de Experiências DPH - Diálogos e Documentos para o Progresso da Humanidade

"(...)Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade sem ela tampouco a sociedade muda.

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros."

Fragmento do último texto escrito pelo Educador Paulo Freire que faleceu no dia 2 de maio de 1997 publicado no Caderno Cotidiano da Folha de São Paulo em 11 de maio de 1997.

Mulher

1

Georgina S. Viana, aluna do Curso Ler e Escrever na 3^a idade, do PROALFA¹

12/07/1997

Ser mulher é tão sublime
Que a gente se acha uma rainha
Sentindo vontade até de voar
Como as andorinhas.

Mulher é o próprio canto
É o amor e o encanto
Mulher é vida, renda e babado
É fita, é bordado
É o mundo encantado.

Seja nas fitas ou nas rendas
Na enxada ou no machado
Mulher é sempre mulher
É o fruto abençoado.

Seja em casa, na rua ou em outro
Lugar qualquer
Sorrindo ou chorando
Mulher é sempre mulher.

¹ PROALFA- Programa de Alfabetização- Documentação e Informação

1

2

2
e
2
2
2
2

Descritores Geográficos

Rio de Janeiro- Brasil

Palavras-chave

Mulher, Gênero, Poesia, Arte-Educação

Produtor

**SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura -
20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org**

Nota

**O PROALFA - Programa de Alfabetização-Documentação e Informação,
funciona na UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro.**

É durante o caminhar, no fazer diário que as respostas a tantas inquietações vão sendo encontradas.

Assim tem sido minha experiência em sala de aula, numa escola pública municipal com jovens de 12 a 15 anos, que frequentam a 1ª série do Curso de Suplência.

Fica evidente quando nos aproximamos deles, a baixa estima, a falta de estímulo, de confiança neles mesmos e de vontade de aprender.

A vida cotidiana e as experiências dos alunos têm estado muitas vezes distanciadas da escola.

Diante desta realidade foi preciso que, como alfabetizadora, parasse e deixasse os alunos falarem sobre seu dia-a-dia, suas vivências, suas famílias, suas crenças, seus valores e seus gostos.

Percebi que neste universo existia uma gama de palavras que poderiam não ter um forte “cunho social”, político, mas que eram de extrema riqueza para ser explorada, apropriada.

O animal cavalo fazia parte do contexto de todos, surgindo a idéia de utilizar a palavra “cavalo” para atingi-los, estimulá-los.

No dia em que a palavra foi apresentada, tirei-a de um envelope pardo, fazendo um clima de surpresa, era a imagem de um cavalo solitário, correndo sobre as águas. Solicitei que adivinhassem qual a palavra que estudaríamos. O entusiasmo foi geral! Todos queriam falar. Fomos explorando as experiências vividas, o assunto parecia não ter fim.

Escrevemos a palavra no quadro e depois no caderno, sendo que cada aluno pode colar uma figura. Exploramos as famílias silábicas, separamos as sílabas de palavra que se tornou geradora.

Foram riquíssimas as frases formuladas pelos alunos. Eram cheias de vida, de entusiasmo, sem falar nos aspectos gramaticais.

Apareceram fotografias de cavalos trazidas pelos alunos.

Procurei enriquecer o conhecimento dos alunos extraindo de livros dados sobre cavalos. Não faltaram histórias interessantes e explicações de como se cuidar de cavalos.

Num momento que parecia ser o último, criamos juntos uma história semelhante às experiências vividas por um aluno quando morou em uma fazenda e possuiu um cavalo de estimação.

Os alunos quiseram, insistentemente, fazer um passeio para conhecermos a tal fazenda, possuidora de vários cavalos.

O passeio nos aproximou ainda mais. Vivemos situações muito engraçadas. Nos sentamos debaixo das árvores, falamos sobre a vida, vimos alguns cavalos e outros animais. Fizemos um agradável pic-nic.

Acredito que foi um bom começo, que o caminho parecia ser por aí. Não surgiu de palavras profundas, mas de algo muito rico para os alunos.

E creio que houve uma significativa aprendizagem, um real crescimento e principalmente, para mim, a certeza de que o método de Paulo Freire, depois de algumas tentativas frustradas, pode ser adaptado em salas de aula como a minha. Basta que estejamos com o coração e os olhos abertos para ouvir e sentir os nossos alunos.

Descritores Geográficos	Juiz de Fora.Minas Gerais - Brasil
Palavras-chave	Alfabetização, Palavra geradora, Aprendizagem
Referência	Relato de uma experiência com o Método Paulo Freire vivida com alunos de 12 a 15 anos da 1a. série de um curso supletivo
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Beatriz é professora no Centro de Ensino do Menor da Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora .M.G.

UM SONHO POSSÍVEL

3

Cleide Figueiredo Leitão

17/08/1997

Se o rio for atravessado em bloco não há que se temer o crocodilo.

(Provérbio Africano)

Quando, há um ano atrás, educadores de diferentes instituições do Estado do Rio de Janeiro se reuniram pela primeira vez em caráter preparatório às Conferências Latino-Americana e Internacional de Educação de Adultos, um sonho foi plantado - o de constituirmos um espaço onde juntos poderíamos ser mais do que isolados em nossas experiências. Não tínhamos ainda a dimensão do possível, alimentávamos somente o sonho.

Um ano se passou e o sonho se transformou em realidade, realidade que hoje comemora um ano de atividades intensas, onde tentamos não dissociar aspectos fundamentais da educação: o político e o pedagógico.

Na qualidade de representante das organizações da sociedade civil, envolvidas com o tema Educação de Jovens e Adultos, temos sido parceiros dessa aventura por acreditarmos que um espaço como o Fórum EJA-Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro, possibilita a troca de múltiplos pontos de vista, o fortalecimento das experiências e, sobretudo, permite a visibilidade necessária das práticas de Educação de Jovens e Adultos, no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.

No pensamento do escritor Albert Camus encontramos um trecho que consideramos muito inspirador para os trabalhos que serão desenvolvidos no dia de hoje. Diz ele:

“Já se disse que as grandes idéias vêm ao mundo mansamente, como pombas. Talvez, então, se ouvirmos com atenção, escutaremos em meio ao estrépito de impérios e nações, no discreto bater de asas, o suave acordar da vida e da esperança. Alguns dirão que tal esperança jaz numa nação; outros, num homem. Eu creio, ao contrário, que ela é despertada, revivificada, alimentada por milhões de indivíduos solitários, cujos atos e trabalho, diariamente, negam as fronteiras e as implicações mais cruas da história. Como

resultado, brilha por um breve momento a verdade, sempre ameaçada, de que cada e todo homem, sobre a base de seus próprios sofrimentos e alegrias, constrói para todos.”

Descritores Geográficos	Rio de Janeiro-Brasil
Palavras-chave	Educação de Jovens e Adultos, Troca de Experiências, Políticas Educacionais.
Referência	Texto elaborado para a solenidade de abertura do Seminário comemorativo de um ano de Fórum EJA. tendo como participantes: UERJ, DEMEC, S.E. de Educação, S. M. de Educação, UNDIME, Comissão N. de EJA, ONGs (SAPÉ).
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Cleide faz parte da equipe do SAPÉ, integra os Coletivos de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e do Rio de Janeiro e faz parte da equipe do Boletim.

Visita a Exposição de Monet: Um Projeto Pedagógico Além da Sala de Aula

4

Liene Fernandes de Barros

15/07/1997

Ser analfabeto em um mundo letrado como o nosso é como ser um estrangeiro em seu próprio país. Esta sensação de inadequação, de exclusão, faz com que muitos se sintam impedidos de frequentar lugares tradicionalmente considerados de difusão cultural.

Esta sensação se tornou clara quando iniciamos o Projeto de Visita a Exposição Monet. Num primeiro momento os alunos se mostraram surpresos e arredios, alguns chegaram a afirmar que não iriam por não terem roupa adequada ou outras desculpas deste tipo.

Despertar o interesse deles pelo assunto era fundamental. Uma monitora de Educação Artística que trabalhava na exposição fez uma pequena palestra e aproveitou a ocasião para perguntar quem já havia visitado um museu. Na conversa que se seguiu descobriu-se que alguns já conheciam museus e, ao contarem esta experiência conseguiram diminuir um pouco a ansiedade dos outros.

A visita revelou-se um sucesso: a presença de praticamente todos os alunos (apenas um faltou, por problemas de saúde), o entusiasmo quase infantil com que passavam pelo corredores, bem como a lembrança do que havia sido discutido em sala de aula, assim o demonstraram.

As aulas seguintes foram muito ricas. Os alunos queriam falar da experiência da visita. Escreveram sobre isso, fizeram roteiros e avaliaram. Como forma de encerramento propusemos que registrassem suas impressões em quadros de aquarela. Novas surpresas. Descobrimos artistas não revelados.

No início inseguros, os alunos terminaram essa experiência surpresos e orgulhosos dos resultados conseguidos. E nada poderia ser mais gratificante do que percebê-los mais seguros e confiantes; conscientes do seu direito de ocupar espaços até então interditados a eles.

Descritores Geográficos

Rio de Janeiro- Brasil

Palavras-chave

Arte-educação, Educação de Jovens e Adultos, Relato de Experiência, Educação e Cultura

Produtor

SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org

Nota

Liene é estagiária do PROALFA no Curso Estação Mangueira: a Dinâmica da Alfabetização . O PROALFA-Programa de Alfabetização-Documentação e Informação, funciona na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
O relato acima foi feito a partir de um trabalho realizado com adultos em processo de letramento.

A escola do Centro comunitário da Rua Dois, na Rocinha, vem desenvolvendo, durante o ano de 1997, um trabalho de expressão artística nas áreas de teatro, música e artes plásticas. Estudantes dessas áreas se dispuseram voluntariamente a realizar atividades práticas de forma lúdica, informal e dinâmica com os adultos de primeira a quarta série.

Nós, alunas da Escola de Belas Artes da UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro, ficamos encarregadas pelas atividades de artes plásticas. O trabalho foi iniciado após a visita à exposição de Monet, no Museu Nacional de Belas Artes, quando os depoimentos dos alunos serviram de base para uma primeira experiência. Situamos o pintor dentro da história da arte, na tentativa de ampliar seus conhecimentos e suas possíveis visões frente à arte. O estudo da cor, com a possibilidade de desprendimento da forma, sua mistura (cores primárias dando origem às secundárias), luminosidade e pinceladas foram abordados de forma geral e livre, sem imposições.

Procuramos sempre utilizar materiais acessíveis e alternativos como: pigmentos vegetais (beterraba, folhas, urucum, etc.) e cola para produção de tintas; revistas, jornais e retalhos em colagens; tentando aproximar os diversos recursos existentes em sua realidade.

Os exercícios propostos buscavam estimular a criatividade, aguçando e enriquecendo a percepção visual e a aceitação da linguagem expressiva de cada um. O resultado gerou um belo livro que fala da vida na favela, uma estória contada e ilustrada por eles com a nossa orientação.

Gratificadas,

Tereza e Clarice

Tereza Bredanol e Clarice Laranjeira

A escola do Centro Comunitário da Rua Dois, na Rocinha, Rio de Janeiro, envolvendo, durante o ano de 1997, um trabalho de expressão artística nas áreas de teatro, música e artes plásticas. Estudantes dessas áreas se dispuseram voluntariamente a realizar atividades práticas de forma lúdica, informal e dirigida por adultos da primeira a quarta série.

Não, alunas da Escola de Belas Artes da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, ficamos encarregadas pelas atividades de artes plásticas. O trabalho foi iniciado após a visita à exposição de artes no Museu Nacional de Belas Artes, quando os depoimentos dos alunos serviram de base para uma primeira experiência. Situamos o trabalho dentro da história da arte, na tentativa de ampliar os conhecimentos e suas possíveis visões frente à arte. O estudo da arte com a possibilidade de desenvolvimento da forma, sua mistura (com primárias dando origem às secundárias), luminosidade e profundidade foram abordados de forma geral e livre, sem imposições.

Procuramos sempre utilizar materiais acessíveis e alternativos como pigmentos vegetais (pateraba, folhas, urucum, etc.) e cola feita a partir de produção de tintas, revistas, jornais e retalhos em colagens; tentamos aproximar os diversos recursos existentes em sua realidade.

Os exercícios propostos buscavam estimular a criatividade, aguçar a percepção visual e a aceitação da linguagem expressiva de cada um. O resultado gerou um belo livro que fala da vida, na favela, uma estória contada e ilustrada por eles com a nossa orientação.

Gratificadas.

Descritores Geográficos	Rio de Janeiro - Brasil
Palavras-chave	Arte-Educação, Cultura, Educação de Jovens e Adultos
Referência	Ficha produzida a partir do relato de experiência sobre um trabalho de Artes realizado com os alunos do Centro Comunitário da Rua 2 na Rocinha.
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Tereza e Clarice são alunas da Escola de Belas Artes da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

42104

Educação e Prazer

6

Maria Lúcia Silva Cavalcanti

10/06/1996

Iniciamos o ano com um curso intensivo para os professores do curso noturno. Esse curso objetivou basicamente, estimular os professores a procurarem sempre uma metodologia baseada na realidade dos alunos, em busca de uma aula prazerosa e interessante. Ao final desse curso vimos que a discussão ainda se iniciava e que esse processo de formação deveria ter continuidade. Estabelecemos que ele continuaria e marcamos outros encontros, inclusive com outras escolas comunitárias da comunidade.

As aulas se iniciaram e o tema trabalhado com os alunos no 1º mês foi o conhecimento mútuo. Foi trabalhado, dois a dois, através de entrevistas entre os alunos, letras de músicas, escrita de carta para uma pessoa falando de si próprio, o dia do aniversário de cada um, etc...

Em maio, como decorrência de uma visita que fizemos a exposição de Monet, no Museu Nacional de Belas Artes, sentimos a necessidade de trabalhar arte com nossos alunos e convidamos duas estudantes de arte para iniciarem esse trabalho com os alunos, e percebemos então que através dos desenhos, os alunos colocam as suas emoções para fora. Demos um enfoque maior a um aluno de alfabetização, que nos seus trabalhos, sempre desenhava uma cruz e a educadora já estava intrigada, pois queria entender o porquê daquela cruz estar sempre presente em todos os seus trabalhos. Um dia a educadora chamou esse aluno para conversar e perguntou qual era o significado daquela cruz em todos os desenhos que ele fazia e de repente esse aluno começou a chorar e a desabafar dizendo: Eu perdi o meu avô que também era meu pai pois ele me criou, o ano passado ele faleceu e nem ao menos me deixaram ir ao enterro.

Esse aluno continua desenhando cruzeiros nos seus desenhos, só que agora ele desenha uma casa ao lado da cruz, e nós não sabemos o significado desta casa no desenho...

Em junho, trabalhamos o tema namorados, através de cartas, bilhetes e textos, os alunos gostaram bastante desse tema, pois é sempre muito gostoso falar de amor.

Neste mês de julho, estamos trabalhando o tema festas "julhinas" que está sendo como sempre um motivo de muitas alegrias em nossas preparações. Durante todo este mês, os nossos alunos estão trabalhando nas aulas com

músicas “julhinas”, receitas típicas e textos. Esse tema está sendo aproveitado de várias formas.

A nossa festa “julhina” será realizada no dia 18/7/97 no terraço da escola, que terá início com uma dança caipira e terminará com salgadinhos e bolinhos típicos. Os alunos terão 2 semanas de férias.

Descritores Geográficos

Rio de Janeiro - Brasil

Palavras-chave

Educação de Jovens e Adultos, Arte-Educação, Educação Comunitária

Produtor

SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura -
20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org

Nota

Lúcia é alfabetizadora de adultos do Centro Comunitário da Rua 2, na Rocinha e integra o Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro.

Ciências Naturais e Alfabetização: Uma Experiência Interdisciplinar com Jovens e Adultos

7

Maria do Carmo Pontes

10/07/1997

O CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos), buscando trabalhar a Educação de Jovens e Adultos numa perspectiva de integração dos conhecimentos cientificamente elaborados com os conhecimentos não formais do alunado, vem, na área de Ciências Naturais, procurando fazer um trabalho de “libertação”, alfabetizando o indivíduo, objetivando proporcionar aos alunos a aquisição da leitura e da escrita de seu ambiente, do seu corpo, de sua vida, estabelecendo assim sua luta por espaços na sociedade em que estão inseridos, exercendo o seu papel de cidadão.

Creemos que os conteúdos de Ciências Naturais articulados ao processo de alfabetização de jovens e adultos trabalhadores, possibilita ao indivíduo a leitura do mundo, ajudando-o a compreender fenômenos físicos, químicos e biológicos que muito lhe serão úteis no seu dia-a-dia. E, também, para que sejam percebidos os avanços da ciência, da tecnologia e de suas expressões na sociedade.

Esse trabalho de alfabetização em Ciências Naturais tem como ferramenta central a interdisciplinaridade, que aqui não é apenas integração das disciplinas, mas integra razão e emoção, teoria e prática, indivíduo e sociedade, conhecimento factual e experiência.

Alfabetização através das Ciências Naturais se mostra nesse trabalho, facilitadora e responsável pela construção do ser humano, dando assim, a contribuição para reiventação da EJA e do ensino de ciências na Educação brasileira.

Descritores Geográficos	Olinda - Pernambuco - Brasil
Palavras-chave	Educação de Jovens e Adultos, Ciências Naturais e Cidadania
Referência	Ficha produzida a partir de um trabalho do CEJA - Centro de Educação de Jovens e Adultos em um CAIC
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Carminha é educadora da Jovens e Adultos na Secretaria Municipal de Educação de Olinda e integra o Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco.

Pensar Faz Doer ou Crescer?

8

Joelma de Souza Vieira

14/07/1997

Ouvi, certa vez, a preocupação de uma aluna do curso de alfabetização sobre a atividade desenvolvida em sala de aula. Ela dizia, muito aflita, que “aquela aula estava fazendo pensar”.

Na fala daquela aluna estava a reação de alguém, que por não dominar o código escrito, achava-se incapaz de ter atitudes autônomas e criativas.

Mas, por que o medo de pensar?

Pensar faz enxergar... Sair da situação de cegueira e entender o mundo, percebendo suas relações e reconhecendo suas limitações, direitos e deveres.

Pensar faz voar...É um ato criado, que estabelece alternativas para uma nova realidade.

Faz propor desafios para uma vida melhor.

Entretanto, por que aquela aluna teve tanto medo de pensar?

Há tempos atrás, a elite achava que pensar, principalmente sobre nosso país, era uma ameaça, pois o uso do pensamento faz perceber uma realidade onde os direitos são suprimidos, e esta situação, ainda hoje, por vezes, é encarada como normal.

Assim podemos dizer que pensar faz doer porque é um parto. É a descoberta de um mundo, que estava mascarado, para tornar-se real.

Mas, também faz crescer, quando tomamos consciência de nosso potencial de criar e recriar, reconhecendo nossa responsabilidade, enquanto cidadãos, de reinventar nossa existência.

Joelma é diretora adjunta de um CIEP-Centro Integrado de Educação Pública, faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro, integra a Equipe do BAM.

Descritores Geográficos

Rio de Janeiro- Brasil

Palavras-chave

Pensamento, Alfabetização, Educação

Produtor

**SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org**

Nota

Joelma é diretora adjunta de um CIEP-Centro Integrado de Educação Pública, faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro, integra a Equipe do BAM.

"A Aula Lá Fora"

Esse diálogo aconteceu na minha sala de aula, no projeto "Educar Para a Vida", em Imbariê. Essa turma é composta por senhoras em processo de alfabetização. As alunas conversavam sobre situações que acontecem com elas fora da sala de aula.

Dna. Elza - Ontem eu senti a maior alegria. Fui fazer compras, meio trêmula, assinei o papel.

Dna. Erli - Puxa, que bom, agora a senhora vai entender quando eu digo chorando que escrevi uma carta para meu filho e recebi resposta.

Dna. Inês - De onde eu vim não tinha escola, a gente não aprendeu a ler nem a escrever. Na hora de assinar, alguém trazia àquela almofadinha e eu metia o dedão. Que vergonha, meu Deus! Só agora eu sei e choro por isso.

Dna. Elza - Esse choro da Dna. Inês é um choro de alegria.

Dna. Inês - Tudo bem, mas não é só alegria. É também um choro de resistência do que eu passei, porque querer fazer e não poder é muito triste.

Dna. Iracema - Essa semana uma pessoa falou baixinho no meu ouvido: "Esse ônibus passa em Caxias?" Eu fui lá na frente voltei e disse: Passa. Ela entrou no ônibus, eu confirmei com o motorista e ele disse sim.

Eu me voltei e disse para elas que essas situações mostravam claramente como era importante saber ler e escrever.

Descritores Geográficos

Rio de Janeiro- Brasil

Palavras-chave

Oralidade/escrita, Alfabetização de Jovens e Adultos, relato de Experiência

Produtor

SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org

Nota

Plínio é alfabetizador de adultos no projeto "Educar Para a Vida de Imbariê" e faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro.

Ao terceiro dia do mês de abril do ano de 1996 o CIEP Rubens Gomes promoveu junto à comunidade a comemoração de Páscoa.

Esse evento abriu também espaço para a participação do Projeto Juvenil.

Dois momentos importantes marcaram a presença do PEJ¹ nesse encontro.

O primeiro, foi a atuação do aluno Jocemir Celso Calisto Ferreira aluno do Bloco II, turma 4 que dublou vários cantores.

É importante ressaltar que esse aluno anteriormente era inexpressivo e hostil. Depois de muito trabalho por parte dos professores (Prof.^a Maria da Graça) e direção, foi possível ajudá-lo a encontrar seu objetivo, hoje, nota-se que é a carreira artística.

O aluno vem participando do curso de datilografia, fazendo escola de teatro inclusive se apresentando em vários lugares, como por exemplo a Fábrica de Esperança, tudo isso melhorou muito o seu convívio.

Outro momento emocionante dessa comemoração, foi também a apresentação feita por outro grupo de alunos das turmas 2 e 3 Bloco I do PEJ que apresentaram o RAP da Páscoa feito por eles com a colaboração da professora Marilene.

Assim, aos poucos o PEJ marca sua presença sempre que for aberto um espaço que propicie tais eventos.

¹ Programa de Educação Juvenil da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

ONLINE
CADERNO
DE
EXERCÍCIOS

Marilene do Amparo Pereira

Este evento abriu também espaço para a participação do professor
 Dois momentos importantes marcaram a presença do PEJ, nas aulas
 O primeiro, foi a atuação do aluno Jocemir Celso Calisto Ferreira, aluno
 de Bloco II, turma 4 que dublou vários cantores.
 É importante ressaltar que esse aluno anteriormente era inexpressivo
 e hostil. Depois de muito trabalho por parte dos professores (Prof.
 Maria da Graça) e direção, foi possível ajudá-lo a encontrar seu obje-
 vo, hoje, nota-se que é a carreira artística.
 O aluno vem participando do curso de datilografia, fazendo escola de
 teatro inclusive se apresentando em vários lugares, como por exemplo
 a Fábrica de Esperança, tudo isso melhorou muito o seu convívio.
 Outro momento emocionante dessa comemoração, foi também a apre-
 sentação feita por outro grupo de alunos das turmas 2 e 3 Bloco I da
 PEJ que apresentaram o RAP da Páscoa feito por eles com a colabo-
 ração da professora Marilene.
 Assim, aos poucos o PEJ marca sua presença sempre que for neces-
 sário.

Descritores Geográficos	Rio de Janeiro - Brasil
Palavras-chave	Arte-educação, Comunidade/Escola
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Marilene é professora do PEJ-Programa de Educação Juvenil da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro que faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro. Atua no CIEP Rubens Gomes.

Dos vários trabalhos que realizamos no PEJ, destacamos um por ser o mais recente e por nos ter proporcionado um resultado bastante satisfatório em termos de participação e aprendizagem. Foi um trabalho, relativamente, extenso pois nos exigiu duas ou três semanas para o concluirmos. Devido a esse fator, dividi-lo em várias etapas.

Para iniciar a atividade partimos de pressuposto que “aprender” a ler e a escrever não significa simplesmente aprender a decifrar as palavras, nem apenas representá-las no papel. Significa também aprender a ver melhor o nosso mundo e as palavras que falam dele e que aprender a ler e a escrever pode ser uma forma de compreender melhor a realidade.

Sendo assim, o primeiro passo foi apresentarmos um texto motivador:

“Primeira Lição”

(Ledo Ivo)

· Na escola primária

Ivo viu a uva

e aprendeu a ler

Ao ficar rapaz

Ivo viu a uva

e aprendeu o amor.

E sendo homem feito

Ivo viu o mundo

seus comes e bebes

um dia num muro

Ivo soletrou

a lição da plebe

E aprendeu a ver.

Ivo viu a ave?

Ivo viu o ovo?

Na nova cartilha

Ivo viu a greve

Ivo viu o povo.

A partir deste texto foi proposto ao aluno reflexão e discussão coletiva para que chegassem à conclusão de que não basta apenas ler, mas

entender, enxergar o mundo que nos rodeia.

Em seguida foi pedido que escrevessem e/ou desenhassem para responder a uma pergunta lançada: "O que eu posso ver no mundo além das aparências?"

O segundo passo aconteceu decorrente do primeiro, ou seja, achamos oportuno introduzir a leitura de jornais na turma para darmos continuidade ao fato de que ler é muito importante e de que ter o hábito de ler jornais no dia de hoje também. É uma forma de nos mantermos informados, de formarmos nossas opiniões sobre tudo o que acontece. É também uma maneira de conhecermos as opiniões de outras pessoas sobre fatos e notícias.

A turma, então, passou a trazer jornais para a sala de aula e, em grupos, conversou e discutiu sobre vários assuntos até chegar a conclusão de que os jornais, quase sempre, trazem notícias desagradáveis. E por coincidir, justamente, com o dia 1º de abril (dia da mentira), resolvemos montar um mural com as notícias mais desagradáveis, sendo que, essas notícias seriam reescritas pelos alunos e transformadas em notícias agradáveis.

O terceiro passo do trabalho ainda com o jornal, foi a produção de um texto coletivo mediante uma foto previamente escolhida por eles.

A foto foi colocada em uma folha de papel que foi dobrada em forma de leque com a finalidade de um não ler a frase que o outro escreveu.

Quando o último aluno da turma acabou de escrever, a folha de papel foi aberta e o resultado conferido por todos através da leitura coletiva.

Este pôde ser um material muito rico na análise estrutural do texto, na correção ortográfica das palavras, na necessidade do uso dos sinais de pontuação, etc...

Mais um passo do trabalho ainda pode ser citado aqui: A reestruturação de uma notícia de jornal.

Para esta atividade, foi necessário o professor resumir uma notícia e escrever cada frase ou período em tiras soltas para que, em grupos, os alunos descobrissem a seqüência correta dos fatos. Depois de terem estruturado o texto, eles tiveram que ler, entender, discutir e escolher, em outras, a fotografia que correspondesse àquela notícia. Este foi mais um trabalho que exigiu interpretação da leitura.

E, sempre para valorizar o trabalho dos alunos, são feitas exposições e murais para que todos tenham oportunidade de apreciar.

Descritores geográficos:	Rio de Janeiro - Brasil
Palavras-chave:	Leitura e Escrita, Material Didático
Produtor:	SAPÉ/BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - Centro - 20031-040 - Rio de Janeiro RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota:	Verônica, Cláudia e Ednéia são professoras do PEJ-Programa de Educação Juvenil da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro que faz parte do Coletivo de Educadores de Adultos do Rio de Janeiro. Atuam no CIEP Thomas Jefferson.

Tem dias em que me pego no maior baixo-astral, procurando uma receita mágica um objetivo ou simplesmente uma pequena razão para poder continuar, quando acho que é difícil e que nada, nada mesmo irá para frente. “Não é fichinha”, isto é, não estou procurando aparecer, procurando colocar palavras bonitas, de repente não são nem palavras bonitas; mas a minha intenção é procurar fazer um documento onde sei que muitas pessoas irão ver e que poderão até gostar. Falar verdades e a realidade de se “encontrar” num dos períodos que considero mais agitados de minha vida.

Quando eu vi a listagem de palavras-chaves que o pessoal do SAPÉ me enviou, o tema AUTO-ESTIMA realmente caiu como palavra chave para eu tentar me analisar e quem sabe até reverter esta situação; porque mesmo que eu não queira eu sei que o desânimo de não conseguir me encontrar, de um jeito ou de outro, ou de uma hora para outra irá chegar até meus alunos, mesmo porque se estou errada ainda não sei, só tenho a certeza de que não consigo ainda separar uma coisa da outra.

Quando eu estava escrevendo esta ficha, a música “ROUXINOL”, do Milton (Nascimento) começou a tocar no rádio. Nela, ele fala da importância de continuar e ele reflete um momento de sua vida em que ele mesmo quase deu fim a sua vida. Não estou aqui nem de longe procurando fazer uma comparação de minha vida com a de Milton que quase foi à morte, mas procurando ilustrar de uma forma mais clara e poder passar para vocês os momentos em que passamos e que temos que andar para frente, frente mesmo.

A todo momento eu estou me desculpando, porque quando a gente vê a palavra AUTO-ESTIMA nós associamos a AUTO-ASTRAL, mais clara ainda na expressão “de bem com a vida”, e eu não quero que com isso as pessoas que prestarem atenção nesta ficha fiquem se perguntando: Por que ficar assim tão carregada? Mas não é verdade que todos nós passamos por momentos complicados em nossas vidas? Se irão ou não se resolver, com certeza só dependerá de nós e de outras pessoas para nos ajudarem.

Também por estar assim, que a gente percebe a importância de ser ajudado e também ajudar. Eu quero me fortalecer para quem sabe as pessoas que dependem de mim (mais especificamente os meus alunos), poder ajudá-los nas dificuldades, nos momentos difíceis que, é óbvio, também irão passar pela vida deles.

Espero sinceramente poder contribuir de alguma forma com minhas palavras e poder continuar a caminhar com todos que lerem esta ficha.

Descritores Geográficos

Rio de Janeiro- Brasil

Palavras-chave

Auto-estima, Registro, Intercâmbio

Produtor

SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org

Nota

Andrea é educadora de jovens e adultos no projeto "Educar Para a Vida de Imbariê" e faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro.

“... Quando comecei a alfabetizar, tinha 16 anos. No local em que eu moro - que é uma área de ocupação de terra urbana - tinha cerca de 600 crianças precisando aprender a ler e escrever. Eu não sabia nada sobre como se alfabetizava, e a saída que encontrei foi fazer meu trabalho sem reproduzir o que eu não gostava e que haviam feito comigo, quando aprendi a ler. Como fazia parte de um grupo, onde haviam professoras formadas, tinha a oportunidade de ouvir como elas faziam. Lembro que, muitas vezes, discordava do encaminhamento que elas davam e planejava minhas atividades a meu modo. Só muito tempo depois é que fui ter conhecimento das muitas teorias de alfabetização existentes.”

(Trecho do depoimento de uma ex professora comunitária de um município da periferia do Rio de Janeiro)

Quando ouvi esse depoimento, recentemente, logo pensei em preparar uma ficha, onde eu pudesse compartilhar com os integrantes do BAM as reflexões que me foram suscitadas pelo depoimento. Minha expectativa é poder trocar opiniões com os diversos leitores (entre eles, a educadora que me contou sua história). Gostaria que, caso se sintam provocados pelas idéias expostas nessa ficha, escrevam e façam circular suas reações nos próximos números do BAM. Estou apostando que esse intercâmbio pode gerar um debate interessante sobre a questão da formação do professor/alfabetizador.

À primeira vista, o tema que se destaca no depoimento - a auto formação - não parece ser um assunto que provoque muitas reflexões ou ajudem a responder ao problema da qualificação dos professores: a necessidade mais premente da educação do país nos dias de hoje. No entanto, ao examinar a trajetória percorrida por essa pessoa que, diante da necessidade da sua comunidade, teve que se improvisar como alfabetizadora de crianças, descubro a atualidade e a urgência de pensar sobre essa prática. E, ao fazer isto, lembro do universo das experiências de educação popular que, no decorrer das últimas décadas, formou muitos professores/alfabetizadores no Brasil e que precisa ser considerado no debate sobre a melhoria da qualidade da educação pública a ser oferecida pelo poder público.

A inserção no movimento comunitário é o primeiro elemento que salta aos olhos na experiência vivida pela educadora em questão. A existência de um grupo, no qual ela se apóia para responder a uma demanda da realidade social à sua volta, é outro ponto que merece ser considerado. Todos esses elementos do contexto onde a experiência foi vivida são importantes para situar a intensidade do envolvimento que a experiência exigiu. São dados que, infelizmente, estão cada vez mais distantes da vida daqueles que se dedicam à educação pública em nosso país.

Mas, é no exercício e ampliação da autonomia dessa professora que me parece estar o aspecto mais importante a ser refletido, quando o tema é autoformação. Em relação a esse assunto as perguntas que me vêm à cabeça parecem-me um tanto heréticas. Mas, como diz um amigo meu, as heresias, ao contrário do que se pensa, são saudáveis. Exercitá-las é sinal da coragem de cometer erros. E, acreditando que o erro pode ser caminho para a verdade, passo, então, às perguntas e às “pensações” sobre elas.

Até que ponto a apropriação/aplicação do conhecimento teórico sistematizado sobre um assunto - como a alfabetização - é pré condição para o exercício de uma prática nessa área? Em que medida a exigência do domínio desse conhecimento dá espaço para a sobrevivência/desenvolvimento da sabedoria - que é gestada na prática - indicador mais expressivo do exercício da autonomia?

Como o espaço da ficha é pequeno para alinhar muitas questões, fico por aqui. Acho que essas duas são mais do que suficientes para dar um pontapé inicial num debate que, acredito, tem tudo para prosperar. Vamos pois às “pensações”

Antes de tudo, é preciso que fique claro que ao formular essas questões não estou me alinhando numa posição obscurantista, espontaneísta ou qualquer coisa parecida. O que quero salientar é que sem a valorização, no processo de formação, daquilo que o professor/alfabetizador cria no seu processo de trabalho (sua autoformação), o conhecimento teórico disponível adquire o estatuto de regra a ser aplicada na prática. E assim utilizado ele pouco vai servir para desenvolver a necessária autonomia de pensamento que gera sabedoria que, por sua vez, contribui para a formulação/reformulação de teorias.

Enfim, o conhecimento já testado e experimentado por outros não pode ser uma camisa de força do professor/alfabetizador. Se assim for o resultado é a reprodução e não a recriação do conhecimento. Acredito que a flexibilização da pauta de formação - onde a prática passe a ser o principal elemento que demanda o indispensável conhecimento teórico - seria o caminho a ser perseguido na busca da superação do nó górdio da melhoria da qualidade da educação em nosso país - o professor qualificado para educar.

Descritores Geográficos**Rio de Janeiro. Brasil****Palavras-chave****Formação, Autoformação, Autonomia, Educação popular.****Produtor****SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org****Nota****Rute faz parte da equipe do SAPÉ e integra os Coletivos de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e do Rio de Janeiro. Também faz parte da equipe do Boletim de interligação do Coletivo Rio**

O campo da Alfabetização de Pessoas Jovens e Adultas ainda carece de uma maior densidade em relação à sistematização de resultados, à pesquisas de campo, à produção de material teórico, e em especial à construção metodológica de um trabalho de formação contínua de educadores/as.

Neste sentido, empreender ações de formação contínua e assessoria aos grupos de educadores/as integrantes de movimentos populares e preocupar-se com a sistematização dessas experiências, é tarefa urgente para melhor capacitação político-pedagógica dos movimentos sociais.

Entendemos que o eixo norteador das ações de formação contínua e assessoria deve ser a prática pedagógica cotidiana das alfabetizadoras, através da reflexão sistemática coletiva das aulas observadas por assessores/as e educadoras e discutidas com o grupo de alfabetizadoras.

As aulas de alfabetização são a matéria prima da formação permanente: é a aula que deve ser tematizada, discutida, questionada, enfim, teorizada. Ao tratar a aula como objeto de estudo do coletivo, lança-se foco em questões ainda não observáveis pela educadora e a partir daí estuda-se aquilo que melhor ajuda a compreender essa aula. As leituras e estudos são feitos como necessidades para entender e explicar melhor a prática que se produz.

Uma metodologia de formação contínua que tome a aula como eixo norteador, parte da prática atual e real da educadora e não de uma prática desejada. Não basta valorizar a educadora em textos, dizendo que ela é sujeito da aprendizagem e na prática da formação, desrespeitá-la empurrando cursos, leituras e pacotes de treinamento que buscam formar um modelo de alfabetizadora idealizado e já previamente definido.

A formação de educadoras populares carece de investimentos mais duradouros. Não podemos nos contentar com o voluntarismo e o amadorismo que permeiam ainda esse campo de trabalho. O espírito de caridade cristã ou a ideologia de educação revolucionária por si sós, não são suficientes para um trabalho de maior fôlego, se não forem acompanhados de um projeto de formação contínua também duradouro. Há que se aliar o político e o pedagógico em busca de uma prática pedagógica

mais consistente e eficaz para os movimentos de educação popular.

Entendemos que uma sistemática que dê conta da reflexão teórica permanente da prática pedagógica das alfabetizadoras, a partir do seu que fazer é uma eficiente alternativa de formação contínua.

É necessário também, a formação contínua de equipes de coordenação pedagógica nos "Núcleos de Alfabetização" onde a formação de educadoras esteja se dando, no sentido de ampliar as possibilidades de crescimento e desdobramento do trabalho. Os Núcleos ou o movimento popular não podem ficar dependendo sempre de assessoria externa. Para isso é preciso investir nos quadros do próprio movimento, e manter permanentemente tensionada a contradição: extensão (atender muitas educadoras) X profundidade (aprofundar com poucas educadoras).

O registro, a avaliação, o planejamento e a sistematização, coletivos e permanentes, das experiências em educação popular são portanto, o primeiro e fundamental passo na busca de uma metodologia de formação contínua de educadores/as populares.

Descritores Geográficos

Rio de Janeiro- Brasil

Palavras-chave

Metodologias de Formação de Educadores, Educação de Jovens e Adultos

Produtor

SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura -
20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org

Nota

Domingos é Educador do CEDAC-Centro de Ação Comunitária, integra o Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro e faz parte do grupo de GREPE-Grupo de Estudos e Pesquisas do Coletivo Rio

Educaadores de EJA

15

Maria do Carmo Pontes

10/07/1997

A Educação dos jovens e adultos hoje em dia, ainda é vista como educação de pobre e para pobre, destinado à falha do sistema social e educativo. Falhas essas que ainda não tem soluções para acabar com analfabetismo no Brasil. Como se não bastasse o problema do analfabetismo e seu grande percentual às portas do ano 2.000, nós educadores que trabalhamos com esse seguimentos, sentimos na pele a discriminação por parte de alguns profissionais de outros seguimentos (1º e 2º Graus).

Pensamos nós que, é a falta de esclarecimentos, em relação a história da EJA- Educação de Jovens e Adultos, no mundo e especificamente no Brasil. Por isso é necessário que o educador esteja por dentro da historicidade de todos os segmentos que fazem a educação de modo geral. Para facilitar o seu papel de educador quando assume qualquer seguimento dando-lhe a importância que cada um tem na história da educação.

Diante dessa realidade é necessário o incentivo para com os educadores do EJA. Dando-lhe condições apoio e valorização, facilitando o acesso dos mesmos às universidades particulares ou federais. Vale a pena lembrar que nossos professores de EJA em sua maioria só tem o magistério.

Esse quadro aqui apresentado tem solução, é preciso que os governantes apliquem mais verbas na educação, qualificando professores e despertando nesses profissionais a vontade de ensinar sem ter que lutar para sobreviver, valorizar o educador como um ser racional e semeador dos conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade.

ALJ E
sk
s
o
b
r
e
c
o
n
r
e

Maria do Carmo Fortes

A Educação dos jovens e adultos hoje em dia, ainda é vista como educação de pobre e para pobre, destinada à falta do ensino social e educativo. Falhas essas que ainda não foram resolvidas para acabar com o analfabetismo no Brasil. Como se não bastasse, o problema do analfabetismo e seu grande percentual às portas de casa. 2.000, nós educadores que trabalhamos com esse seguimento sentimos na pele a discriminação por parte de alguns profissionais e outros segmentos (1º e 2º graus).

Pensamos nós que, é a falta de esclarecimentos, em relação a história da EJA- Educação de Jovens e Adultos, no mundo e especificamente no Brasil. Por isso é necessário que o educador esteja por dentro da historicidade de todos os segmentos que fazem a educação de jovens e adultos. Para facilitar o seu papel de educador quando assume qualquer seguimento dando-lhe a importância que cada um tem na história da educação.

Diante dessa realidade é necessário o incentivo para com os educadores da EJA. Dando-lhe condições ápois a valorização facilitando o acesso aos mesmos às universidades particulares e federais. Vale a pena lembrar que nossos professores de EJA em sua maioria são tem o magistério.

Esse quadro aqui apresentado tem solução, é preciso que os governantes apliquem mais verbas na educação, qualificando professores e despertando nesses profissionais a vontade de ensinar sem ter que lutar para sobreviver, valorizar o educador como um profissional e semeador dos conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade.

Descritores Geográficos	Oinda - Pernambuco - Brasil
Palavras-chave	Educação de Jovens e Adultos, Formação de Educadores
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Carminha é educadora da Jovens e Adultos na Secretaria Municipal de Educação de Olinda e integra o Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco

Metodologia X Aprendizagem: Utilizar o Quê Para Transformar Quem

16

Margarida Costa Rosas

27/06/1997

Muitas vezes me surpreendo com o processo de aprendizagem desencadeado a partir da utilização de uma metodologia que busque o desenvolvimento do raciocínio das pessoas.

Foi ontem que vivíamos em nossas escolas a educação bancária. E hoje, em muitas escolas observo que o uso de metodologias participativas tem trazido luz ao aprendizado, tanto de crianças e jovens como de adultos.

E é interessante observar que outras experiências fora da educação básica, têm se utilizado destas metodologias para capacitar vendedores, juízes, empresários, advogados, etc.

Por mais que inventemos técnicas, misturemos métodos sempre estes caminhos são utilizados em diversas experiências diferentes, e muitas vezes com grande sucesso.

Ao mesmo tempo, vemos em nossas escolas públicas uma grande resistência do professorado em mudar, sair do caderninho de aulas iguais, utilizado há mil séculos da mesma maneira. Principalmente se o professor já tem certa idade, sua resistência à mudança é enorme.

Para nossos jovens isso é uma grande perda neste mundo globalizado, onde tudo passa em um segundo, onde as informações invadem a cada instante nossas casas, enchendo nossas cabeças de coisas muitas vezes sem importância, e ao mesmo tempo discutindo assuntos sérios apenas superficialmente.

Como separar o importante do fútil? O que me interessa saber se a princesa Dy está usando roupas mais sexys? Qual a importância de Carla Perez (a do bumbum) ter segurado seu material de trabalho por x milhões?

É por isso que considero fundamental que todas as pessoas tenham direito a aprender de forma integral, utilizando seu potencial máximo para poder pensar e ter condições de interferir no seu destino.

Tenho visto muitos educadores se ressentirem da utilização de "suas" metodologias educacionais fora da escola. Concordo em parte, pois temos que estar de olho no objetivo dessas "usurpação". Mas não existe carimbo de dono nestas formas de trabalhar.

A princípio, creio que ajudar outros a pensar, qualquer que seja o objetivo inicial (político, econômico, etc.) é um tiro no escuro. - Quando penso, ajo da

minha maneira, pela minha cabeça. Claro que temos exceções, mas será que não vale arriscar?

Quantas vezes dizemos - Esse cara me surpreende! De vaso ruim flor boa não cresce, mas esse aí, é um estouro!

Talvez seja importante que um vendedor aprenda a ver o mundo diferente através de uma poesia de Drummond, de uma música de Cazuza, de uma canção de amor de Gonzaguinha. E se esse vendedor acredita no que faz, num mundo onde acreditar cada vez é mais difícil, por que não investir para que ele aprenda mais e melhor?

E aquele aluno, do curso de alfabetização da associação de moradores do bairro, que tem uma postura não muito legal no seu trabalho, mas com a metodologia usada no seu curso está aprendendo a ver o mundo com outros olhos, está conseguindo separar o discurso do candidato a vereador (vazio) do que realmente é importante para o bairro, não vale a pena investir nele?

Que venham todas as metodologias que façam-nos pensar, errar tentando acertar, refletir a nossa postura diante do mundo e das informações que nos cercam, para que nós atuemos conscientemente nas nossas relações de trabalho, nas famílias, nos bairros, na nossa vida.

Talvez essa seja uma visão simplista, mas acho que temos caminhos para tentar mudança, caminhos até pequenos, que não alcancem grandes modificações, mas que sejam mudanças conscientes, refletidas que nos tornem melhores serem humanos.

Descritores Geográficos

Recife . Pernambuco. Brasil

Palavras-chave

Mudança, Metodologias Educacionais, Visão de Educação, Processo de Aprendizagem.

Produtor

**SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org**

Nota

Margarida faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e integra a Comissão de Interligação desse Coletivo

Estas são questões que freqüentemente surgem nas discussões acerca do PEJ-Programa da Educação Juvenil da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Correspondem a demandas que surgem ora dos alunos ora dos docentes envolvidos com o Programa.

Numa sociedade onde o “sabe com quem está falando” continua com plena força, os analfabetos ocupam os lugares mais baixos da escala de valorização social imposta pela cultura dos setores sociais dominantes. Os preconceitos ligados aos níveis de escolaridade somam-se àqueles relacionados ao sexo, cor, classe, etc. Neste universo discriminatório, é compreensível a aspiração dos setores subalternos a títulos, certificados e diplomas - mesmo que seja um mero atestado de que ali não se encontra um analfabeto. Em termos práticos, uma credencial como esta, geralmente, possui muito pouca utilidade. Contudo, para muitos de nossos alunos, o acesso a este tipo de documento representa mais do que imaginamos.

Para nosso Programa, o fundamental é que não abordemos esta discussão de maneira simplista, polarizada em se devemos, ou não devemos fornecer diplomas ou certificados aos alunos alfabetizados. O importante é que consigamos trazer a claro a estrutura social implícita no momento em que uma demanda como esta surge. Ou seja, em nossas classes, a reivindicação de alunos por diplomas deve ser a eles devolvida criticamente, de forma a estimular o desenvolvimento de formas de pensamento que não meramente corroboram o “status quo”. Conseguindo seguir este caminho, acreditamos que a questão do fornecimento, ou não, de certificados secundariza-se e deve ser colocada no espaço da opção do aluno. Não podemos esquecer, conforme já colocado acima, que um certificado de freqüência ao curso de alfabetização, ou um “diploma de alfabetizado” pouquíssimo valor prático possui na sociedade. Portanto, o fundamental é enfrentarmos seu valor simbólico, o que não pode ser conseguido simplesmente negando ou distribuindo fartamente certificados. Resta, ainda, lembrar a desmoralização a que ficaram delegados os certificados distribuídos pelo MOBREAL, dada a falta de critérios e a fartura com que foram distribuídos, evidenciando a pura preocupação estatística com finalidades propagandísticas.

Contra este tipo de problema devemos nos resguardar.

Quanto à demanda pelo enquadramento da Educação Juvenil nos moldes de seriação adotados pela escola regular, devem ser ressaltados dois aspectos principais. Primeiramente, é reconhecido que existe por parte de muitos alunos o anseio por continuarem na escola ampliando seus níveis de conhecimento. Isto é legítimo, ou mais, é um direito. Em segundo lugar, existe uma forte corrente no sentido de tentar enquadrar o Programa no modelo de escola tradicional, com seus currículos, programas e avaliações que, quase sempre, enfatizam o que é secundário. Confundir estas duas demandas é algo negativo.

A proposição de nosso trabalho é permitir aos alunos a aquisição dos códigos predominantes na comunicação escrita, associada ao desenvolvimento de perceber as relações implícitas ao universo que os cerca. Sendo, portanto, um programa de alfabetização, não vemos sentido em introduzir um modelo seriado, cujo conteúdo é uma reprodução empobrecida da escola destinada às crianças. Nossos alunos, via de regra, já passaram pela experiência da escola tradicional e nela não foram bem sucedidos. Agora, numa idade mais avançada, acreditamos que suas dificuldades sejam acentuadas. Queremos, assim, marcar que a recusada seriação prende-se à recusa pela associação da Educação Juvenil à fracassada do curso supletivo.

Porém, devemos apresentar alguma resposta ao desejo manifesto de alguns alunos, já alfabetizados ou em momento avançado do processo de alfabetização, à continuidade da escolarização. Para estes alunos, a única alternativa existente é o supletivo, rejeitado por muitos deles. Deve ser, portanto, considerada a possibilidade de criação de classes de alunos pós-alfabetizados, visando ao aprofundamento de suas discussões e conhecimentos. Para isso, os CIEPS dispõem de espaço físico ocioso no período noturno. Seria necessária a decisão de ampliar a experiência iniciada recentemente com a Educação Juvenil, de forma a atender uma reivindicação de alunos e permitir um melhor estudo da problemática educacional relativa a esta complexa faixa etária que vimos atendendo.

Descritores Geográficos	Rio de Janeiro- Brasil
Palavras-chave	Educação de Jovens e Adultos, Exclusão, Analfabetismo, Escola e Sociedade
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	A Equipe do Programa de Educação Juvenil da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro integra o Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro

A educação no nosso país tem se mostrado ineficiente na formação de seus cidadãos, partindo mesmo da educação de suas crianças e jovens. Isso se considerarmos a educação como o instrumento imprescindível na formação de homens livres e conscientes, e por isso mesmo, participantes no processo social.

Os educadores responsáveis, que passaram por esta educação deficiente, têm procurado alternativas para superação das suas dificuldades, muitas vezes buscando sua própria autoformação através de leituras, estudos e capacitações.

Nessa busca surge uma grande dificuldade que é lidar com o próprio desejo de ser mais criativo. Despertar o desejo, a curiosidade de seus alunos, o prazer de descobrir a leitura, a lógica do cálculo, o gosto pela história do próprio povo.

Muitas vezes as linguagens expressivas são a salvação: o teatro, a música, as oficinas de leitura, tudo é como uma caixinha de mágicas. De repente, sai um coelho da cartola, um lenço colorido esvoaçando pelas mãos do mágico vira um passarinho. E está salva a aula que antes prometia ser um "saco".

Mas por que o aluno continua não indo à escola? Não gostando de assistir a aula dessa professora tão criativa? Ou mesmo indo à aula, mas cochilando no fundo da sala? Ou mesmo gostando, mas participando pouco?

Não basta valorizar estas outras formas de aula para que o aluno se interesse e participe das aulas. O que vemos são alunos passivos, desinteressados, distraídos.

E nós, educadores, batemos no peito: mea culpa, mea culpa!

Será apenas nossa a culpa?

Na atual conjuntura estamos lidando com uma gama variada de interesses. O poder dominante quer realmente homens políticos? O discurso diz que sim: "o homem na conjuntura neo-liberal tem que ter no mínimo dez anos de escolaridade para conseguir emprego, participar da sociedade".

Mas, quais as condições que são dadas para esse homem? Escolas sucateadas, professoras mal remuneradas, mal capacitadas, pouco material didático e de má qualidade, falta de empregos para garantir a sobrevivência da família estudante, saúde pouca, comida pouca, etc, etc, etc.

A lista é enorme, o que falta é muito, mas na visão imediatista do mundo a culpa muitas vezes é assumida por nós, que fazemos greve, que não somos eficientes para segurar o aluno na escola.

Teríamos que ter tempo e estrutura para nos capacitarmos para a eficiência, para construirmos novos caminhos de formação e auto-formação mais concretas, mais completas.

A educação como é hoje deforma, nos torna meras marionetes que dançam conforme a música, o show do momento.

Temos que encontrar formas de superar todos esses anos de deformação eficiente, sermos sujeitos de nossa própria história, na busca pela nossa formação muito mais eficiente, lúcida, criteriosa.

Isso demanda um investimento de tempo para estudar e experimentar, pensar e elaborar, sistematizar e registrar.

Isso demanda também um investimento na curiosidade, no perguntar sempre, mesmo sem saber se saberemos as respostas.

Descritores Geográficos	Pernambuco - Brasil
Palavras-chave	Educação, Formação, Linguagens expressivas
Referência	Ficha produzida a partir de reflexões sobre Seminário do Coletivo/Pe realizado em agosto de 1995.
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Margarida faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e integra a comissão de interligação desse Coletivo.

A partir um de breve olhar para turmas de Educação Básica de Jovens e Adultos observo alunos adolescentes, jovens, adultos e educadores inquietos, com problemas de baixa estima mas que insistem e persistem em fazer parte desse mundo. Vejo a escola ainda apresentando-se como uma das poucas referências, já que a família, o trabalho e até mesmo a galera não respondem pela ânsia de ser sujeito dessa história.

Quem Sou Eu? Para onde vou? Que caminho seguir? São perguntas feitas tanto pelo aluno como pelo educador e pela própria escola.

Algumas falas de alunos educadores que guardei em minha memória, revelam elementos importantes para esta reflexão:

"foi bom o encontro, porque aqui a gente pode falar. Lá na escola a gente não fala, não é permitido".

"... aqui na escola as professoras não têm autoridade, porque a diretora não aceita o que elas fazem..."

"... o caminho que eu encontrei para motivar os alunos foi escutá-los.

Então eu descobri que eles são capazes e passei a confiar neles".

"... diante dessa situação eu pedi ao aluno para passar um tempo sem ir a escola, porque eu temia que fossem matá-lo dentro da escola e também toda a turma estava falando que não ia mais a escola se ele voltasse. Sabendo que a comunidade fica agitada mas depois esquece, tomei essa atitude".

"...eu faço tudo, me mato, mas os alunos às nove e meia da noite querem sair da sala de aula, vão embora! "

"... Este ano eu não disse as notas das provas aos alunos para evitar a desistência deles, pois quando tiram notas baixas desistem logo, abandonando a escola antes de serem reprovados".

Transformação Social, Construção da Cidadania, Democracia. Não é fácil viver o significado dessas palavras. Embora elas já façam parte dos discursos de educadores e alunos, a prática ainda é de autoritarismo, de desrespeito, de repetição, de monotonia e da solidão.

A estrutura organizacional da Escola não consegue atender às demandas de alunos e professores da EBJA, as informações não chegam, a direção é ausente, os serviços (biblioteca, secretaria, etc..) na maioria das vezes não funcionam no horário noturno. Alia-da a esta realidade encontramos a maioria dos educadores em sua terceira jornada de trabalho. E conseqüentemente, cansados, não conseguem ser assíduos, atentos, motiva-dos, alegres e criativos e assim, mesmo sendo oferecidas capacitações regulares, e espa-ços outros de atualização, a escola continua sem cumprir sua função educativa.

Algumas experiências de educadores que tenham considerado os quereres dos alunos apontam atividades artístico-culturais como um estratégia de mobilização para a apren-dizagem e a produção de conhecimentos. A aula acontece fora dos muros da escola e as-sim ampliam-se os horizontes e as oportunidades do aprender.

Nos debates, mais amplos volta com bastante força a questão da formação para o traba-lho. Como a escola pode contribuir nesta área com maior agilidade e concretude?

A demanda da EBJA, não espera acontecer, faz acontecer, se bem que muitas vezes não seja pelo caminho do crescimento e da vida.

Descritores Geográficos	Pernambuco - Brasil
Palavras-chave	Educação Básica, Escola e Realidade
Referência	Ficha produzida a partir de reflexões sobre o VI Seminário do Coletivo/Pe.
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Angela integra o Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e faz parte da comissão d e interligação desse Coletivo. Hoje trabalha na as-sessoria técnica da Secretaria Municipal de Educação de Cabo de Santo Agos-tinho.

Para que um processo de alfabetização de adultos² seja vivido com maior possibilidade de sucesso é preciso expor os alunos, o máximo possível, a textos e portadores de textos que lhes permitam interagir e formular questionamentos sobre o seu sentido e funcionamento.

A idéia de que letras e sílabas, isoladamente, contribuem para o processo de aprendizagem da língua, não funciona muito hoje, já que no dia-a-dia não existe nenhum tipo de texto escrito somente a partir de uma consoante e algumas vogais, como por exemplo: "Eva lava a lata e a leva lá". Este tipo de texto não possui muito significado para os alunos e não os ajuda no seu processo de construção da leitura e da escrita. Além disso, ler não é um simples decodificar das letras. Ao contrário, pensamos que o sentido de cada texto está, também, no seu portador e na própria situação de leitura. Desta forma, antecipamos o sentido de uma matéria escrita no jornal ao ver a foto que a ilustra e/ou associando-a a uma notícia que ouvimos no rádio ou vimos na TV. Quando recebemos uma carta, muitas vezes, podemos adivinhar-lhe o conteúdo mesmo antes de ler, do mesmo modo que podemos prever de antemão o conteúdo do escrito de uma caixa de sabão em pó que estamos acostumados a usar. O importante é trabalhar o texto em relação ao seu uso e função e não como pretexto.

A subjetividade, a intenção, a interação, a comunicação, entre outras, transcendem o decodificar das letras para um outro nível de compreensão e descoberta.

Também está superada a idéia de que aprender a ler e a escrever tem um momento certo para começar: a classe de alfabetização. Esse processo começa desde que nascemos. Podemos dizer que é um processo sócio-histórico que entrelaça língua escrita e cultura, e que está diretamente ligado às práticas de leitura e escrita do grupo ao qual o indivíduo está inserido, bem como sua difusão e valor social. A alfabetização, que fazemos na escola, é apenas um momento desse processo.

Vivemos numa sociedade onde a palavra escrita é a referência; e a constante exposição a variados textos que somos submetidos no dia-a-dia faz

² Estou tratando a alfabetização de adultos somente por um dos seus múltiplos lados: a aquisição da leitura relacionada ao alfabeto e à produção de sentidos.

com que cada um de nós, desde pequeno, comece a interagir com eles e, desta forma, tentar adivinhar-lhes o sentido e a função. No decorrer da vida, as interações são cada vez mais frequentes e necessárias, principalmente numa cidade grande. Assim sendo, o curso de alfabetização resgata, sistematiza e aprofunda essas experiências tornando-as conseqüentes na vida diária e possibilitando aos indivíduos maior competência enquanto leitores .

Para que o resultado seja ainda melhor é importante envolver o aluno, sempre que possível, no seu processo de construção desse conhecimento, mostrando -lhe, o tempo todo, que sua experiência anterior vai ser decisiva nesta etapa. Ou seja, quem já esteve exposto a textos e se interessou por descobrir seu funcionamento vai ter menos dificuldade do que aqueles que nunca tentaram reconhecer uma mensagem escrita; seja ela o letreiro de um ônibus, um cartaz de supermercado, uma lista de preços, cartas, receitas ou uma poesia.

Se o aluno até o momento em que entra para o curso de alfabetização não estava atento aos textos do cotidiano ou viveu em um determinado lugar onde essa interação não era necessária, precisamos incentivá-lo a se interessar por eles.

É muito importante que o aluno se responsabilize por parte do seu desempenho, não só pela experiência anterior que pode trazer, mas por sua frequência, interesse e participação nas aulas. Queremos que ele saiba que pode e deve contar com o professor, mas que depende dele, em grande parte, o seu sucesso. Daí, uma das razões porque trabalhamos no sentido de promover a autonomia, redimensionar a auto-estima e fortalecer a identidade de cada um e do grupo.

Para que nossa prática, enquanto alfabetizadores de adultos, seja realmente conseqüente, precisamos repensar o tipo de relação professor/aluno que tem vigorado até então nas escolas. Para que o poder, que por tradição, tem pertencido unicamente ao primeiro, passe a ser socializado pelo conjunto das pessoas envolvidas no processo educativo.

Um alfabetizador de adultos que tem em mente essas questões tem maior condição de tornar o processo de alfabetização um momento menos sofrido e mais coerente com a realidade daqueles que buscam construir sua história de leitor .

Descritores Geográficos

Rio de Janeiro - Brasil

Palavras-chave

Alfabetização, Produção de Sentidos, Leitura, Relação Professor/Aluno

Produtor

SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org

Nota

Socorro faz parte da equipe do SAPÉ, participa dos Coletivos de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro e Pernambuco. Também integra a equipe do BAM e do GREPE. É alfabetizadora de Adultos do Curso Noturno do Colégio Santo Inácio.

Há um panorama mundial diante do qual temos que tomar uma posição. Senão seremos, progressivamente, conduzidos à inércia, à paralisia mental, à dormência social e política.

Em grandes traços, estamos convivendo com:

- uma economia subordinada a estratégias financeiras - o que dá mais lucro é o que passa a ser considerado necessidade. A lógica que comanda é a da acumulação. É uma lógica bancária, competitiva e, portanto, concentradora de riquezas e poder.
- um desenvolvimento tecnológico que empurra os trabalhadores para o desemprego, substitui profissões, quebra o ritmo de um desenvolvimento abrangente, privatiza os avanços, desconsidera a natureza.
- uma crise do modelo político, dito democrático. Os âmbitos das grandes decisões estão fora do alcance do cidadão comum. A subordinação do político ao econômico faz com que o Estado se ajuste às recomendações dos interesses supranacionais a custos sociais altíssimos. E o que pode o voto e a pressão do cidadão comum? A produção de um consenso social através da mídia pode mais, convence mais. Para os inconformados, a lei.
- paralelamente, ou mais claramente, em decorrência dessas escolhas, das quais não participamos, assistimos e participamos da expansão da pobreza e da violência, da profunda crise de valores. É como se em algum lugar do espaço sideral se tramasse contra a possibilidade da convivência e da paz; contra o direito e a liberdade de usufruir, construir e repor a vida, com a delicadeza que merecemos e que a natureza promete.

Diante de tudo isso, o que pode a educação e, em particular, a educação de jovens e adultos cujo público é, caracteristicamente, um recorte do universo dos excluídos? E pelo que nos é dado avaliar, uma faixa em expansão.

Não temos muitas alternativas. Ou nos confessamos impotentes, e nos conformamos. Ou nos contentamos, isoladamente, a cumprir o melhor que pudermos a nossa tarefa, com esse gosto de gratuidade e amargura. Ou nos insurgimos. De uma insurgência como postura política, profissional, pedagógica e saímos da inércia, deixamos de estar simplesmente perplexos diante dos efeitos catastróficos desse modelo desumano. Escapamos desse determinismo, como se caminhássemos coletivamente inconformados para o desfecho infeliz de uma peça, com a qual não nos identificamos, apesar de estarmos convidados enquanto atores.

Se conseguirmos sair dessa baixa estima, teremos que começar a produzir uma outra peça, e muitos já começaram a escrevê-la.

Não estamos sozinhos. E para nos emprestar clareza e ânimo, precisamos produzir sentido para o que fazemos.

Por exemplo, se considerarmos que o futuro é hoje, é agora, o Fórum EJA 1 (Fórum de Educação de Jovens e Adultos, primeiro aniversário) é uma demonstração de que essa insubordinação viva e produtiva existe. A vida está aqui presente, e se move. Nós somos uma prova de que não se conseguiu animalizar a todos, coisificar, mercadificar, desnaturar. Nós, concretamente, somos uma esperança.

O que temos pela frente, enquanto educadores de jovens e adultos do Rio de Janeiro, é uma missão globalizante - mesmo que a educação de jovens e adultos ainda permaneça como o fundo do quintal da casa da educação, mesmo que trabalhem com candidatos ao desemprego ou ao "movimento". Tal como muitos outros lugares da África ou da América Latina, o que conseguirmos construir é passível de entrar em circulação mundial. Ou não? O momento é de globalização, de superação das fronteiras, usemos essa possibilidade para nos fortalecer. Os recursos já foram criados. Seu uso depende muito de nós mesmos.

Nós os educadores, somos artesãos privilegiados da construção do tecido social e temos, portanto, nessa linha da insurgência, uma batalha a travar:

- pela valorização e fortalecimento do nosso território de trabalho. A iniciativa do Fórum EJA é, nesse sentido, um gesto muito significativo;
- pela geração de nossas competências específicas: não é qualquer pedagogia que poderá ajudar na eficácia de nosso desempenho. Mas já temos pontos de partida - a vida de dr. Paulo não foi em vão -, acumulados e sensibilidades. Sem dúvida, precisamos exigir mais de nós mesmos enquanto profissionais porque a tarefa não é simples.
- pela produção de uma outra democracia onde o poder não está divorciado do nosso cotidiano. Temos as salas de aula, os movimentos comunitários, as nossas organizações para exercitar outra qualidade de relações onde os que participam contem nas decisões a serem tomadas e a diferença seja desejada e não tolerada.
- pela instauração ou resgate de valores que possam realizar a convivência humana de modo responsável, solidário, celebrante da vida, restabelecendo a humanidade.
- pela construção de alianças porque mais do que nunca, a um desafio global não se pode responder de modo isolado, solitário. Não há uma cruzada contra o Estado: queremos é reivindicar mais e melhor de suas políticas, tanto quanto a sociedade que ele gerencia merece.

E toda essa luta, sabemos, será feita em condições adversas. É por isso que ela é insurgente.

Descritores Geográficos	Rio de Janeiro - Brasil
Palavras-chave	Formação, Educação, Educadores, Sociedade, Mudanças Sociais.
Referência	Texto elaborado por ocasião do primeiro aniversário do Fórum EJA .
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Aída faz parte da equipe do SAPÉ, integra os Coletivos de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e do Rio de Janeiro e também faz parte do GREPE-Grupo de Estudos e Pesquisas do Coletivo Rio.

O Registro: Desafio do Educador

São tantos os desafios que nos impõe essa atual conjuntura que muitas vezes não conseguimos realizar o que desejamos no nosso trabalho de educadores.

Um destes desafios é saber registrar as nossas atividades, é escrever nossos projetos, é definir nosso objetivo de trabalho, nossas metas (curto, médio, longo prazo?), ou simplesmente elaborar um fax para uma agência de cooperação.

Nessa hora observamos como é frágil nossa educação, como aprendemos “mal” a colocar no papel nossos desejos/sonhos, seja numa redação para vestibular, seja numa poesia de adolescente, seja até numa carta de amor ou simplesmente na interpretação de um texto de escola.

Não é fácil se expressar com o papel, quando nossa cultura é oral, quando o incentivo é para que expressemos tudo na fala, no gesto.

E essa dificuldade segue em frente pelas nossas vidas - escolar, de trabalho - até que um dia somos solicitados a elaborar um projeto, um relatório de atividades, um plano de aula. E aí, bate aquele medo! Como resolver essa bronca?

Corremos prum lado, pedimos socorro, relemos mil relatórios, copiamos trechos de um e de outro, e sentimos nossa falha, nossa dificuldade enorme de saber escrever com clareza, com objetividade.

O pior é que quem trabalha com educação sabe que pode demorar, mais um dia essa necessidade se fará presente, e sempre com urgência: “para ontem”.

Nesse momento de tantas solicitações, prazo, clareza, estética, etc e tal, ficamos atordoados e levamos a situação no improviso, com mil dedos em cada mão.

É, por essas e outras que vale a pena “treinar” o escrever em registros” diários das aulas (para nós mesmos), em cartinhas simpáticas para os amigos, etc. E aproveitar o BAM, que temos nas nossas mãos

, e que é um espaço de troca super supimpa, pois não precisamos escrever só sobre educação ou sobre trabalho ou sobre algo “serio”. Podemos utilizá-lo para refletir sobre a vida, para discorrer sobre aquele último filme que nos tocou de uma maneira especial ou mesmo para filosofar, poetizar, conversar.

Entendo como um prazer poder dividir o que penso com outras pessoas, até desconhecidas, que podem discordar, aceitar ou não o que sinto. Mas sei que o fato de ir colocando sentimentos no papel soa como mais uma folhinha ao vento, que junto com outras folhas irão formar um tapete nesse chão do tempo.

Descritores Geográficos

Recife - Pernambuco - Brasil

Palavras-chave

Registro, BAM, Formação do Educador, Autoformação

Produtor

**SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org**

Nota

Margarida faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e integra a Comissão de Interligação desse Coletivo.

Qual Escola Chegará ao Século XXI?

O ano letivo de 1997, nos separa apenas três anos do terceiro milênio. Questão simbólica, talvez, mas uma simbologia que nos coloca diante de uma realidade incontestável e irreversível, mas do que nunca, temos de fazer educação com visão de futuro, sob pena de sermos atropelados pela modernidade. É de todos conhecido - mas às vezes é necessário repetir o óbvio - que, em tempo algum, a história da humanidade registrou mudanças e perspectivas infinitas para todos os campos do saber.

Cada um de nós, na condição de educador, tem diante de si um desafio fantástico de ser professor deste novo tempo, que nos encanta e convida para descobrirmos um novo jeito de o aluno aprender. Na verdade, este novo tempo assusta, porque as mudanças são constantes, e a novidade nos atropela. Já não temos mais condições de nos mantermos em dia com os acontecimentos e inovações da nossa área, quanto mais em outra...E o aluno chega à sala de aula, não poucas vezes, mais atualizado em termos de informação do que a gente.

Pois bem, Amigos! Educação já não acontece de forma isolada, e a realidade de uma economia internacionalizada, globalizada e altamente competitiva tem profundo impacto na área educacional. Temos afirmado que queremos uma escola com visão de futuro num mundo sem fronteiras. Esta é a nossa vida. E educação acontece numa perspectiva de futuro. Educação exige que sejamos visionários. Profetas, Utópicos. Portanto, tudo a ver com o homem que queremos formar.

Um novo paradigma para a construção do conhecimento, me parece, é o grande desafio para todos nós, num mundo de muitas inquietações, muitas perguntas e poucas respostas. Estamos singrando "mares nunca dantes navegados". O caminho para as Índias já não o descobriremos pelos mapas da geografia de outrora... Quem sabe, pela Internet chegaremos lá!

Humor (às vezes, nada mais sério do que o humor!) à parte, voltemos a pergunta do título: qual a escola que chegará ao século XXI?

A escola que chegará ao século XXI será sem muros e participará da construção coletiva, ultrapassará o seu tempo, humanizará e transformará o mundo, possibilitando ao sujeito ser utópico e, ao mesmo tempo, contemporâneo de si mesmo. A construção dessa escola necessitará de

novos paradigmas, o olhar transformador de seus construtores, uma visão, um sonho coletivo e uma ação planejada.

Se por um lado, o atual estágio da história da humanidade nos lança tantas dúvidas e medos, por outro, sem dúvida, é também uma época fantástica de se viver e encarar este novo tempo com a mesma fé e determinação com que outrora os navegadores se lançaram mar a fora, desafiando as crenças dos homens de então, e descobriram novos mundos... Trabalhar por uma escola com visão de futuro num mundo sem fronteiras é um desafio gigantesco, que requer determinação inabalável de perseguir esta condição, único caminho para que os alunos de hoje não cheguem defasados ao mundo de amanhã.

Descritores Geográficos	Olinda - Pernambuco - Brasil
Palavras-chave	Escola, Crise dos Paradigmas, Educação do Futuro
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Guiomar faz parte da Equipe Técnica da Divisão de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação de Olinda - PE e integra o Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco .

Vivemos na CRISE!

Crise Geral de valores, crenças, objetivos, ética. Crise nas relações-pessoais, de trabalho.

Em tempos de crise vale tudo: pisar no outro, desrespeitar o trânsito, matar pessoas, roubar crianças, vender mulheres!

Violar direitos não é nada, invadir casas, traficar drogas, deixar pessoas morrerem nos hospitais, tudo isso é natural na atual conjuntura de caos em que vivemos.

Nossas escolas deixaram de ter a função de educar, nossos professores morrem de medo das galeras, dos chefões da droga, da polícia corrupta, do diretor autoritário.

E nesse medo atroz, que nos corrói como cupim em madeira nova, não fazemos nada, nos sentimos impotentes, não dizemos nada nem mesmo para nos defender das diversas situações em que nos sentimos lesados.

Como educadores, muitas vezes tentamos desatar esse nó de incompetência que nos cerca, e buscamos apoio junto aos nossos iguais. Mas a crise nos puxa e não conseguimos nos animar nessa luta desigual, onde forças muito maiores que nós - "gotículas" nesse oceano enlameado - nos cercam de argumentos coerentes, que não somos nada, não podemos nada, não temos dinheiro para tocar nossos projetos tão bons.

E nos abatemos e não fazemos nada!

Às vezes pensamos juntos e afirmamos: somos fortes quando juntos, somos competentes, somos importantes!

Mas a porrada muitas vezes vem do nosso aliado e perguntamos: quem são nossos amigos? Onde estão nossos inimigos?

-Me dá um medo. Que medo?

É nessa hora que precisamos nos realimentar nas nossas crenças de transformação, nos fortalecer na nossa vida cotidiana, na nossa prática de trabalho, nas nossas relações de amizade, carinho e confiança.

E tentar novas relações com nossos companheiros de trabalho (alunos, colegas) onde a confiança seja fundamental, tendo como pano de fundo a diferença, o respeito ao outro.

Nesse processo, sempre difícil, o Coletivo é muito importante porque nele deve imperar relações fraternas de confiança, carinho, respeito ao trabalho do outro, solidariedade com as mudanças que a vida nos impõe.

O Coletivo é um espaço onde podemos nos fortalecer, onde devemos ser autênticos, sem medo de esconder nossas falhas, nossos erros, pois sabemos que dividir faz crescer, que errar é aprender, e que o novo é difícil, mas sempre vem nos impor outras verdades, outras estradas de conhecimento.

Mas, participar ativamente do Coletivo demanda esforço, vontade de trocar, tempo de se encontrar (nas nossas agendas sempre tão cheias!), e principalmente, demanda compromisso.

Particularmente, penso que o Coletivo não deve se resumir a um encontro anual onde matamos nossas saudades do outro, onde trocamos experiências, mágoas e afinidades.

O Coletivo deve ser um espaço maior de aprofundamento, de estudo, de apoio às experiências que dele participam. Deve realmente ser de AUTOFORMAÇÃO.

Temos tido seminários muito bons, onde saímos realimentados com novas idéias, novos conhecimento do outro. Mas isso é muito pouco diante de tudo que pode ser, se seguirmos o que definimos como propostas para o Coletivo no mini-seminário que tivemos em 1996.

E se isso implica em tempo, gastemos tempo!

Descritores Geográficos	Pernambuco - Brasil
Palavras-chave	Crise, Conjuntura, Avaliação de Processo
Referência	Ficha produzida a partir de reflexões sobre o VI Seminário do Coletivo/Pe.
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Margarida faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e integra a comissão de interligação desse Coletivo.

Dois recentes casos de violência que chocaram a opinião pública nacional (porque foram amplamente divulgados pela mídia) nos levam, mais uma vez, a pensar na questão da violência urbana como um grave problema ético desse final de milênio. Se até agora, a sociologia, a economia e a história vinham nos servindo de suporte teórico para uma análise mais aprofundada sobre a questão da violência urbana no Brasil e no mundo, parece-nos, hoje, cada vez mais claro, que somente a reflexão ética - que inclua, evidentemente, as contribuições de diferentes áreas do conhecimento - pode nos tornar verdadeiramente "cidadãos e pessoas morais", como diz o professor Jurandir Freire Costa. Resgatando em nós o sentido perdido de solidariedade, "de responsabilidade pelo bem comum", de direito e obrigação incluindo aqui o direito que todo ser humano tem de satisfazer as suas necessidades básicas de alimento e abrigo, e de ser livre para realizar os seus projetos de uma vida feliz.

A Violência policial cometida contra cidadãos e flagrada por cinegrafistas amadores nos Bairros de Diadema (São Paulo) e Cidade de Deus (Rio de Janeiro), no último mês de abril; e o caso do índio pataxó, morto por jovens da classe média em Brasília, alguns dias mais tarde (19/04/97) em uma suposta "brincadeira de meninos", serviram para provocar, mais uma vez, a indignação em todos nós. Mas, indignação somente não basta e parece, também não nos fazer tocar na gravidade da questão. Principalmente quando essa indignação dura apenas o tempo da exploração sensacionalista dos noticiário de TV ou quando é motivada por uma análise pouco rigorosa e as vezes até distorcida de acontecimentos que não deveriam nunca ser analisados isoladamente. O professor Jurandir Freire, em entrevista sobre o caso do índio pataxó ao Jornal do Brasil em 27/04/97, diz ainda a esse respeito que "vivemos numa cultura moral onde o progresso tecnológico e a curiosidade científica vêm sendo usados como instrumentos para a fabricação de uma visão de mundo que pode favorecer e induzir a existência de crimes do gênero."

Um artigo da deputada Marta Suplicy, também comentando o caso pataxó, publicado pela Folha de São Paulo (4/5/97) cita um caso semelhante ocorrido nos EUA na mesma semana do caso de Brasília, e parece confirmar que há algo de errado com a formação moral em nossas sociedades: dois adolescentes daquele país, um de 18 anos e outro de 17, mataram dois entregadores de pizzas também, como no caso dos jovens brasileiros, por "brincadeira" ou para "sentir a emoção de matar uma pessoa". Segundo a deputada que é também psicanalista e membro da Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados, o que há de comum entre os jovens americanos e os brasileiros, igualmente "bem nascidos", é que eles têm "a mesma programação violenta de televisão e a sociedade de consumo, na qual as pessoas valem pelo seu status e não como seres humanos."

Essa violência transmitida diariamente pela televisão causa, segundo a psicanalista, uma quantidade de estímulo e de excitação nesses jovens que quando eles se reúnem para se divertir, querem obter o mesmo "nível de excitação". E o que fazer, para isso? "A resposta é dada com clareza pelos assassinos adolescentes dos dois países: "era para dar um susto nele" "Era para sentir a sensação".

No caso da violência policial de Diadema e Cidade de Deus, temos a impressão de que, para aqueles policiais deve valer a mesma "sensação". E vale também o absurdo das argumentações e da intenção de justificar seus atos criminosos: para os garotos de Brasília fazia diferença, se no lugar de um índio fosse um mendigo; para os policiais - e o que é pior, para grande parte da sociedade, também - a tortura, a humilhação, o espancamento podem ser justificados ou não desde que não se trate de "pessoas de bem" ou que não se passe diante de câmaras de televisão. Em março de 1995, também diante das câmaras de TV um assaltante foi rendido pela polícia, depois de uma tentativa de assalto a uma drogaria de um movimentado Shopping carioca. Desarmado, ele foi levado para trás de um automóvel e friamente assassinado. Por não se tratar de "pessoa de bem", muitos aprovaram o ato do policial com a simples ressalva de que não precisava ser diante das câmaras de televisão. Uma estranha lógica. O fato é que, como diz Marta Suplicy em seu artigo, "quando os direitos humanos só valem para alguns, acabamos todos correndo riscos".

Pois bem, se considerarmos que as noções de sociedade, direitos e obrigações, justiça e injustiça, solidariedade, propriedade, etc não nascem com o ser humano e que, segundo alguns teóricos, são inclusive noções contrárias à natureza humana, devemos resgatar o mais urgentemente possível o velho papel da família e da escola como lugares privilegiados para uma reflexão ética na qual sejam considerados os princípios mais elementares da convivência.

Por ocasião do caso pataxó o governador de Brasília, Cristóvam Buarque, determinou que todas as escolas do Distrito Federal dedicassem um dia para discutir o assunto com seus alunos. No Rio de Janeiro, o vereador Fernando William, fez uma indicação semelhante à Câmara Municipal. Apesar de bastante louváveis as iniciativas desses políticos, essas são discussões que deveriam fazer parte do currículo escolar e não serem motivadas apenas pela indignação do momento. Cabendo a nós, educadores, lutar para que isso ocorra.

P.S.: Essa ficha já havia sido terminada quando o Jornal do Brasil (20/06/97) trouxe em manchete de primeira página duas notícias que, infelizmente, parecem confirmar a atualidade desse tema: mais um caso de mendigo incendiado enquanto dormia, no Centro do Rio; e a absolvição, em júri do Rio de Janeiro, do PM Nelson Oliveira dos Santos Cunha, participante confesso da chacina da Candelária, onde foram assassinados 8 meninos de rua, em julho de 1993.

Descritores Geográficos	Rio de Janeiro-Brasil
Palavras-chave	Ética, Educação, Cidadania, Currículo Escolar
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Alex faz parte da equipe do SAPÉ, integra os Coletivos de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro e de Pernambuco. É membro da equipe do BAM.

Recear a violência não é suficiente. É necessário que se faça algo para erradicá-la.

De solidão? De separação? De Envelhecer? Do inesperado? São esses e outros milhões os nossos medos. Mas não os verdadeiros, esses (verdadeiros) não podemos mais esconder e tornaram-se comuns à nós brasileiros. Por isso confesso: tenho medo até de falar de que realmente temo, mesmo assim, tentarei. E começo falando pelo medo causado por pessoas que se subdividem em grupos organizados e prontos para manifestarem suas vontades, por mais absurdas que sejam e descarregarem sobre nós o que tanto nos assusta (injustiça e desigualdade).

Acompanhando essa violência sempre impune, que permite ou até induz às pessoas a praticarem atos indignos a pessoas inocentes e indefesas, que em nada contribuíram para que esses momentos de horrores pelos quais estamos passando, se instalassem em nossas vidas de forma brutal e quase absoluta. Que ceifam vidas e castram sonhos. Assusta-me também a prática de políticos indecentes e desordeiros, que nos privam de exercermos nossa cidadania, e devoram até mesmo o nosso desejo de lutar, enfraquecendo e desestimulando o nosso povo guerreiro, que desafia o poder, e por isso é tão sacrificado e até mesmo castigado.

A lembrança dessas violências cometidas cravam-se em nossas mentes e desfaz-se logo em seguida, quando um fato é sempre seguido por outro, mais forte, mais bárbaro.

Imagem que enquanto a sociedade discute e tenta entender o que levou os brutamontes (Pms) de Diadema a cometerem atos de indignidade e vergonha. Quatro bestas humanas saem de suas casas e resolvem brincar de queimar gente. E diante de tudo isso, cresce a desesperança, enchendo nossos dias de tormento e turbulência. Parece até que os homens de pouca fé resolvem transformar as promessas de Cristo, e deixá-las às avessas, o que nos deixa uma grande preocupação: partir para o próximo século acreditando no DESAMOR. .

Pois estaremos acumulados de frustrações, decepções, dúvidas, recalques, ressentimentos, amarguras, sacrifícios e ansiedades. E nossa era com certeza não terá um final FELIZ.

Descritores Geográficos	Caruaru-Pernambuco - Brasil
Palavras-chave	Violência, Política e Sociedade
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Edileuza faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e é Arte-educadora da Prefeitura Municipal de Caruaru.

O que é Modernidade?

A primeira tentativa de caracterização da modernidade pode descrevê-la como um estilo, um costume de vida ou organização social, surgido na Europa a partir do século XVII e que devido a sua influência veio a se tornar mundial.

Circunscrita no tempo, a modernidade pode ser associada a um período histórico e como tal, difícil de ser analisado, pois é ao mesmo tempo - passado e presente. (Mesmo considerando a dificuldade de se distanciar do que se pertence para analisar, reflexivamente, os rumos do hoje e do porvir, esse movimento é extremamente importante para que possamos compreender os fenômenos sociais do nosso tempo.)

Profundas transformações sociais, econômicas e políticas ocorreram, sobretudo, entre o início do século XIX até os dias atuais. O século XX é um século de guerra. A ameaça de confronto nuclear embora reduzida, ainda permanece; a realidade de vários conflitos étnicos, religiosos e militares formam um "lado sombrio" desse tempo.

A modernidade se apresenta na verdade carregada de ambigüidades, ao mesmo tempo em que oferece segurança, oferece perigo, em que oferece confiança, oferece risco. Somos acometidos por um ritmo vertiginoso de mudanças onde o avanço da intercomunicação nos põe em conexão com diferentes partes do globo sem que, no entanto, o desenvolvimento das forças de produção tenham trazido uma melhora significativa na qualidade de vida dos homens.

Pelo contrário vivemos um grande dilema em relação aos contrastes de nossa época: na produção aflitiva da violência do nosso século; nos surpreendentes avanços tecnológicos em contraste com a miséria e o analfabetismo de grande parte da população; na crise com os paradigmas que durante tanto tempo tomamos como verdade e que atualmente não respondem satisfatoriamente as nossas indagações; no desafio de conviver com o diferente e com a multiplicidade de versões e na ambigüidade constante entre o que consideramos velho e ultrapassado e o novo muitas vezes difícil de ser identificado, ou trazendo dentro dele parte do velho.

Enfim, quando olhamos para esse quadro percebemos que ao lado das mudanças edificantes, no sentido de trazerem avanços consideráveis para boa parte da população, temos um conjunto de situações gravíssimas que exigem uma nova abordagem, um novo enfoque ou as nossas perspectivas futuras não serão nem um pouco acalentadoras.

Descritores Geográficos

Rio de Janeiro- Brasil

Palavras-chave

Modernidade, Crise, Contradições, Mudanças

Produtor

SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org

Nota

Cleide faz parte da equipe do SAPÉ, integra os Coletivos de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro e Pernambuco. É membro da equipe do Boletim de Interligação do Coletivo Rio.

Democracia Representativa e Exercício Democrático no Cotidiano

Hoje quando se pensa em participação política uma questão recorrente é sobre o caminho a seguir. Entre as opções podemos aqui escolher duas: o conhecido caminho das instituições democráticas representativas ou a de um exercício democrático mais ligado ao cotidiano, a interesses mais imediatos e concretos. Embora possamos adiantar que tais opções não são excludentes: pelo contrário, são complementares e necessárias à consolidação da democracia.

Há uma máxima contada, geralmente em tom galhofeiro que aponta a democracia como o sistema político mais trabalhoso, tanto na sua instauração, quanto no seu exercício. Apesar da brincadeira, a democracia continua sendo (pelo menos em tese) o mais adequado sistema por considerar, sobretudo, a diversidade dos sujeitos.

Podemos constatar que a crise que assola a democracia representativa tem a sua origem na distância que a política foi tomando das aspirações, desejos e necessidades de grande parte da população. A política exercida pelo legislativo e pelo executivo passou a adquirir a representação de um lugar, distante e inacessível onde se exerce o poder, se tomam decisões que afetam a sociedade. É um lugar distante da maioria das pessoas, pobres e trabalhadoras, apesar da necessidade dos votos dessas mesmas pessoas por ocasião das eleições.

A ruptura entre o que é prometido na época de eleição e o que é cumprido no mandato ocasiona o descrédito da população nos políticos e governantes e explica em boa parte a crise em que vivemos. O exercício democrático se empobrece demasiadamente se limitarmos essa participação somente à convocação ao voto. É preciso uma prática que inclua escolhas, decisões, verificações entre a retórica e o realizado para que possamos escolher melhor os candidatos que nos representam e, principalmente, deslocar o foco do poder.

Se a constatação procede, não basta também só reivindicarmos do Estado o que lhe compete como atribuição, mas propormos os termos que garantam, de um lado, as aspirações e necessidades, sobretudo,

da população pobre e trabalhadora e, de outro, a criação de meios onde o exercício da democracia não exija um capital cultural específico mas que esse aprendizado se faça "in locum", ou seja, no interior de alternativas de mediações entre o que são hoje instituições como sindicatos, associações, partidos políticos e os interesses comunitários.

Temos como exemplo de novos espaços de mediação: os fóruns, os conselhos tutelares, os coletivos, enfim, espaços onde se exercita um novo aprendizado democrático que, sem ser corporativo, agrega diferentes pessoas em prol de um interesse comum. Talvez seja cedo para avaliar o impacto dessa atuação e o que ela produz. No entanto, essa forma de atuar tem se mostrado necessária e produtiva.

É nesse sentido que se inscreve o Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro, o Fórum EJA, espaço que se tornou realidade a partir de um sonho semeado na primeira reunião preparatória às Conferências Latino-americanas e Internacional de Educação de Jovens e Adultos (essa última irá acontecer na segunda quinzena de julho, em Hamburgo, Alemanha.)

O Fórum é um espaço de mediação que reúne educadores de jovens e adultos ligados às mais diferentes experiências, governamentais e não governamentais, que interessadas em discutir, fortalecer e propor caminhos, no âmbito do Estado do Rio de Janeiro, vêm se reunindo mensalmente.

Para comemorar um ano de intensas atividades e prestando uma homenagem ao Prof. Paulo Freire, o Fórum realizou, no dia 18 de junho, um evento com conferência, mesa redonda, relatos de experiências, mostra de vídeos e exposições que reuniu aproximadamente 500 educadores.

A marca do Fórum tem sido a de aliar, nas suas atividades, o político e o pedagógico: socializando informações importantes sobre financiamentos para a área; manifestando-se com veemência a respeito das decisões governamentais que só fazem confirmar, por analogia, o lugar de "área de serviço" ocupado pela EJA na política governamental; compartilhando as mais diferentes experiências e recursos pedagógicos e, fundamentalmente, construindo uma prática democrática diferenciada, quebrando o isolamento e dando visibilidade às experiências na necessária luta por uma educação de jovens e adultos com maior significação e qualidade.

Descritores Geográficos	Rio de Janeiro - Brasil
Palavras-chave	Exercício Democrático, Espaços de Mediação, Educação de Jovens e Adultos.
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Cleide faz parte da Equipe do SAPÉ, integra os Coletivos de Educadores de Jovens e Adlto do Rio de Janeiro e Pernambuco. É membro da equipe do Boletim de Interligação do Coletivo Rio.

“Da curiosidade passo para a alquimia do saber que me seduz em busca de um mundo do ACREDITAR” (Paulo Freire)

Converso com alguns amigos, todos educadores feito eu, com problemas de salário, sofrendo abuso do poder, com inquietações e dúvidas mas com uma ebulição apaixonante pelo que fazem: EDUCAR!

Uma força quase mágica nos move, nos une, nos movimenta. Para meu caro professor de matemática, tudo se determina por fórmulas e “atitudes matemáticas”. Meu companheiro de química diz que a própria existência é resultado de uma sagrada fórmula química, e é interrompido por um historiador apaixonado que afirma: Tudo é História!

Cada um a mexer com seu velho caldeirão de conceitos e paixões, procurando a justificativa para a tesão de educar, me faz pensar, enquanto mexo o fundo da alma inquieta: Tudo é educação! Essa força mágica que move mundos e justifica seus heróis cotidianos. Da curiosidade para a alquimia diária, como disse o Mestre, nos envolvemos de tal maneira a ponto de acreditar e ser guerreiro nessa luta que, muitas vezes, nos queima em grandes fogueiras de dificuldades pra nos ver renascer a cada dia na arte do encontro.

Encontro conosco, com o mundo, com inquietudes e desafios constantes, com a enorme desvalorização sofrida, com a falta de respeito pelas paixões de cada um. Mas acima de tudo, encontro com o outro, com a vida, com a alquimia do ACREDITAR na grande revolução que virá da explosão desse grande caldeirão de alquimistas do saber.

Espalhados em diferentes trincheiras, seja em belas escolas ou no meio do mato, presente, recortado de lições passadas, indo em busca do outro sempre, nos fazemos parceiros diários, cúmplices e aventureiros.

Montados em alados livros, misturamos nossos próprios sonhos ao acreditar coletivo em um mundo novo, humanizado pelo braço do aluno, pela alegria de quem aprendeu a ler, pela força coletiva dos educadores, guerrilheiros e magos, lutadores e apaixonados por uma sociedade

transformada, feliz, prazerosa, que virá da alquimia diária da educação!

Descritores Geográficos

Caruaru-Pernambuco - Brasil

Palavras-chave

Aluno, Educador, Mudanças Sociais

Produtor

SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org

Nota

Mabel faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e integra a Comissão de Interligação desse Coletivo.É arte-educadora da Prefeitura Municipal de Caruaru.

Violência até Quando?

30

Wyára Jane de Oliveira Galvão

09/05/1997

*“O fruto do justo é a árvore da vida, e o sábio cativa as pessoas”
(Provérbios 11-30)*

Estamos testemunhando uma série de violências que estão ocorrendo no mundo, uma grande guerra que não sabemos onde vai chegar. Existe, hoje, um grande conflito social, onde o povo pobre é perseguido, marginalizado e explorado pelos injustos e “donos do poder”.

A raiz da injustiça e da violência está em o homem pensar que é uma “autodivindade”, criando uma grande mentira, nascendo, assim, o espírito de desigualdade, que gera relações injustas de todos os tipos.

O motor da vida dos “donos do poder” é a ambição, e suas armas são a “fraude” e a “esperteza”, não acreditando na existência e poder de Deus. Graças a isso, eles conseguem os “sucessos”, às custas da ingenuidade e fraqueza do povo.

Existe um estado de calamidade das relações sociais, a mentira criada e sustentada pelos poderosos faz desaparecer a sinceridade e fidelidade entre as pessoas. tudo acobertado por uma inocência aparente, que esconde a opressão. Não existe um meio termo para ninguém; ou seguimos o caminho da sabedoria, que leva para a justiça e a vida, ou caímos na insensatez, que produz injustiça e morte, pois, se continuarmos assim, viveremos em uma eterna e violenta guerra, onde, infelizmente, o pobre e o oprimido são quem sempre saem perdendo. Pelo panorama que se vê, essa guerra só ocorre devido a corrupção que se alastra, ao senso moral que se perverte e ao direito que é falsificado e, assim, as injustiças se multiplicam.

A situação do povo é crítica e todos os projetos e tentativas para sobreviver na vida, sem violência, e na paz, parecem falhar. Contudo os poucos que acreditam e se comprometem com o projeto de Deus nunca se desesperam, mesmo que as situações presentes pareçam completamente sem perspectivas.

00000000

"O fruto do Justo é a árvore da vida, e o sábio cativa as pessoas"

(Provérbios 11-30)

Estamos testemunhando uma série de violências que estão ocorrendo no mundo, uma grande guerra que não sabemos onde vai chegar. Existe, hoje, um grande conflito social, onde o pobre é perseguido, marginalizado e explorado pelos injustos e "donos do poder".

A raiz da injustiça e da violência está em o homem pensar que é uma "autodivindade", criando uma grande mentira, nascendo, assim, o rito de desigualdade, que gera relações injustas de todos os tipos.

O motor da vida dos "donos do poder" é a ambição, e suas armas são a "fraude" e a "esperteza", não acreditando na existência e poder de Deus. Graças a isso, eles conseguem os "sucessos", às custas da integridade e fraqueza do povo.

Existe um estado de calamidade das relações sociais, a mentira criada e sustentada pelos poderosos faz desaparecer a sinceridade e fidelidade entre as pessoas. Tudo descoberto por uma inocência aparente, que esconde a opressão. Não existe um meio termo para ninguém: ou seguimos o caminho da sabedoria, que leva para a justiça e a vida, ou caímos na inanez, que produz injustiça e morte, pois, se continuarmos assim, viveremos em uma eterna e violenta guerra, onde, infelizmente, o pobre e o oprimido são quem sempre saem perdendo. Pelo parâmetro que se vê, essa guerra só ocorre devido a corrupção que se alastra, ao senso moral que se perverte e ao direito que é falsificado e, assim, as injustiças se multiplicam.

Descritores Geográficos

Caruaru - Pernambuco - Brasil

Palavras chave

Violência, Crise de Valores, Sociedade, Direito

Produtor

SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org

Nota

Wiára faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco.

“Muita gente bajula o homem importante, e todo mundo é amigo de quem dá presentes.”(Provérbios 19-07)

Fala-se muito em falta de integridade, honestidade, caráter dos políticos (dos corruptos) do nosso mundo, esquecendo-se, porém, das pessoas que compõem, articulam, bajulam (os corruptos), vivem na sombra para ter e conseguir proveitos próprios.

Algumas pessoas parecem, realmente, saber “dançar conforme a música”. Pessoas que ficam onde está o poder, a sua política de vida é estar sempre se dando bem independentemente da sigla partidária, ideologia, ideais sociais. São pessoas que agem como diz Chico Anísio, no personagem Justo Veríssimo: “Detesto pobre”, “pobre que se exploda”. Existe um casamento perfeito, com certeza, entre os políticos (corruptos) e os bajuladores (corruptores), não há um só político que falcature sozinho, há um complô muito bem feito entre o grupo onde acumula riqueza, oprime e massacra o povo, existindo, também, uma competição, muito grande, pelo poder e luta pela sucessão.

O favoritismo é o que faz a diferença entre as pessoas. A riqueza de particulares faz com que fique mais fácil que esse grupo de pessoas falcature, de todas as formas, os menos esclarecidos e informados. Algumas pessoas muitas vezes imaginam a sua realização dentro do esquema de uma sociedade idolátrica, que adora os deuses da riqueza e do poder. Ao invés de realizarem-se, as pessoas encontram-se presas à cobiça e à inveja, que produzem todo tipo de conflitos e competições, levando, até mesmo, algumas à morte.

O mais importante é que nós que não fazemos parte desse grupo, que se favorece com o trabalho e o dinheiro das outras classes sociais, saibamos ter a capacidade e a sabedoria de perceber que o mais importante dentro das situações políticas é mostrar aos menos informados a história como ela se repete. Essa história que se faz a cada instante de nossas vidas, permitindo ou não que as coisas aconteçam em todas as instâncias, dando margem aos historiadores de mostrarem ao mundo os fatos que movem e transformam as sociedades, às vezes nem tanto anônimas.

Descritores Geográficos

Caruaru - Pernambuco - Brasil

Palavras-chave

Poder, Honestidade, Mudanças Sociais

Produtor

**SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org**

Nota

Wiára faz parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco.

Agora diante dos olhos de todos, nós faremos, nós mesmos, os nossos milagres. (Maiakovski)

O tempo é de ebulição! De idéias, de fatos que de tão rápidos nos dão a idéia de protagonistas de um confuso filme.

Na grande crise que se encontra o país dos precatórios, dos conchavos no Congresso, das greves, confundimos nossa própria visão de mundo, um mundo em "transe virtual", de pano de fundo quase místico, povoado de novas religiões, extraterrestres e até aparições do famigerado "chupa-cabras..."

O poço das contradições nesse planeta que chamamos de terra, aumenta assustadoramente. A terra que nos foge dos pés de insegurança e injustiças é a mesma que remete o homem as suas máquinas à Marte, à Lua, a inventar e melhorar o computador, as máquinas, o carro solar, o telefone celular e um monte de coisas onde nem todas as pessoas têm acesso.

A outra terra que vivemos é fria, de fome, de miséria, de casas amontoadas na beira do mangue, de crianças e mulheres espancadas, vivendo em submundos tal qual um filme de ficção que ilustra o caos.

Uma pequena luz abre brechas...

Iluminando nossa prática nos encontramos COLETIVAMENTE...cheias da marca desse tempo em que o perigo é o outro. Cheias das angústias que permeiam as injustiças sociais da qual estamos todas inseridos. Mas, munidos de uma coragem de guerrilheiros, de guerreiros a caminho de um mundo nascido do ato de transformar.

Descobrí que, num mundo de projetos individuais existe um grupo onde as pessoas têm um projeto coletivo de mundo a partir de suas práticas, construídas das próprias contradições e historicidades de cada um.

Numa caminhada de mais de cinco anos nos realimentamos. Estamos ainda sós... estamos ainda tão juntos...

Acreditamos, num carrinho imenso que nos une, numa vontade eterna de transformar, numa insistência as vezes incômodas de estarmos juntos, olho no outro, olho no mundo, um mundo que acreditamos mais justo, com muito o que fazer COLETIVAMENTE.

Introdução

Agora diante dos olhos de todos, nós fazemos, nós mesmos, os nossos trabalhos. (Mabel)

O tempo é de espalhar. De ideias, de fatos que da tão rápidos nos dão a ideia de protagonistas de um contínuo filme.

Na grande crise que se encontra o país dos produtores, das conquistas no Congresso, das greves, continuamos nossas próprias vidas de mundo, um mundo em "trans virtual", de pano de fundo duas missões: povoado de novas religiões, extraterrestres e até aparições de famigerados "chupa-cabras".

O povo das contradições nesse planeta que chamamos de terra, é um mundo assustadoramente. A terra que nos foge dos pés de insegurança e injustiças é a mesma que remete o homem as suas máquinas à Mabel. Mas, a inventar e melhorar o computador, as máquinas, o carro solar, o telefone celular e um monte de coisas onde nem todas as pessoas têm acesso.

A outra terra que vivemos é fria, de fome, de miséria, de casas amontoadas na beira do mangue, de crianças e mulheres separadas, vivendo em enclaves tal qual um filme de ficção que ilustra o caso.

Uma pequena luz abre brechas...
Iluminando nossas práticas nos encontramos COLETIVAMENTE...
Uma pequena luz abre brechas...
Iluminando nossas práticas nos encontramos COLETIVAMENTE...
Uma pequena luz abre brechas...
Iluminando nossas práticas nos encontramos COLETIVAMENTE...

Descobri que, num mundo de projetos individuais existe um grupo onde as pessoas têm um projeto coletivo de mundo a partir de suas práticas construídas das próprias contradições e histórias de cada um.
Numa caminhada de mais de cinco anos nos realizamos. Estamos ainda...
Numa caminhada de mais de cinco anos nos realizamos. Estamos ainda...
Numa caminhada de mais de cinco anos nos realizamos. Estamos ainda...
Numa caminhada de mais de cinco anos nos realizamos. Estamos ainda...

Descritores Geográficos

Pernambuco - Brasil

Palavras-chave

Coletivo de Autoformação, Crise, Mudanças Sociais

Produtor

**SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org**

Nota

Mabel, Wiára e Edileuza fazem parte do Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco.

O Curso noturno de Alfabetização de Jovens e Adultos da Escola Senador Correia, é ministrado no bairro de Laranjeiras - zona sul do Rio de Janeiro. Nossos alunos são predominantemente de origem nordestina, tendo migrado para o Rio em busca de melhores condições de vida. Trabalham como domésticas, faxineiras, porteiros, nos bairros próximos à escola.

Esse trabalho tem uma longa história que já percorre seu nono ano. Em 1988 um grupo de pesquisadoras do SAPÉ (Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação) iniciou o curso de alfabetização, a partir da pesquisa "Confronto de sistemas de Conhecimento na Educação Popular". A pesquisa em campo durou dois anos e o curso, em decorrência dela, ganhou vida própria até o final de 1991, quando então o grupo que o dinamizava se desfez.

O curso recomeçou no segundo semestre de 1991 atendendo a uma grande demanda por parte dos alunos, sinal de que ele já havia se enraizando na comunidade, e ao interesse da Escola Senador Correia em dar continuidade a este trabalho. Por outro lado, havia a necessidade do SAPÉ em retomar o vínculo com esta prática, sobretudo, pela possibilidade que ela oferecia de realimentação de uma nova metodologia em alfabetização de jovens e adultos.

Retomou-se a atividade com essas duas instituições. O SAPÉ com a assessoria pedagógica e a Escola Senador Correia com a estrutura e uma ajuda de custo para os professores, através de sua fundação mantenedora, a Associação Promotora da Instrução (API). No primeiro ano, apenas uma turma funcionou. Para assumi-la foram convidados dois professores. No ano seguinte, devido à grande procura, formou-se uma segunda turma, com a adesão de mais dois professores. Esse novo grupo atualmente realiza o trabalho de maneira diferenciada do anterior, pois a sala de aula passou a ter outro propósito que não somente o da pesquisa.

Desde o início de nossas atividades participamos de sete seminários do Coletivo de Alfabetização de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro, onde foram discutidos assuntos relativos ao trabalho com alfabetização de jovens e adultos. Participamos, também, da III Feira Latino Americana de

Alfabetização, além de vários outros eventos que são relevantes à nossa formação. Realizamos o trabalho de capacitação dos educadores do Centro Comunitário da Rua 2 da Rocinha, onde o tema foi Criação e Produção de Texto dos Alunos.

Nesses anos de percurso temos enfrentado várias dificuldades, tais como: falta de material didático apropriado, de apoio financeiro, e a escassez de tempo necessário para esse trabalho. Entretanto, continuamos a realizá-lo, porque acreditamos na sua importância e confiamos na possibilidade de mudanças nas atuais condições. Na busca dessa competência, realizamos a sistematização do conhecimento adquirido nestes anos de trabalho. A experiência acumulada vem sendo utilizada na preparação de instrumentos que otimizem nossa proposta como: a criação de um currículo mínimo, a produção de exercícios adequados a esse trabalho e a formulação de jogos e atividades para os alunos. Esse material de apoio de um lado possibilita aos alunos atingir seus objetivos o mais rápido possível, sem desprezar o tempo interno e as características de cada um. E, por outro lado possibilitam aos professores um reforço em sua prática pedagógica, ao mesmo tempo em que (mesmo considerando que a sua produção está circunscrita a um determinado processo), podem contribuir em outros trabalhos similares.

Descritores Geográficos	Rio de Janeiro - Brasil
Palavras-chave	Educação de Jovens e Adultos, Relato de Experiência, Currículo Escolar, Coletivo de Autoformação
Produtor	SAPÉ-BAM (Banco de Ajuda Mútua) Rua Evaristo da Veiga, 55/Cobertura - 20031-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: 220-4580/Fax: 220-1616/e-mail: sape@ax.apc.org
Nota	Zezé, Florine, Graça e Sônia são alfabetizadores de adultos do Grupo ATO, que funciona na Escola Senador Correa e integram o Coletivo de Educadores de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro.

Índice Temático

Alfabetização	2, 20
Analfabetismo	17
Aprendizagem	2, 8
Arte-educação	1, 4, 5, 6, 10
Autoformação	13
Auto-estima	12
Avaliação de Processo	24
Cidadania	7, 28
Coletivo de autoformação	24, 32, 33
Crise de Paradigmas	23, 24, 27, 30, 32
Cultura	4, 5
Currículo Escolar	25, 33
Direito	30
Educação	4, 8, 18, 25
Educação básica	19
Educação de Jovens e Adultos	3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 15, 17, 28.
Educação do futuro	23
Educação Popular	13
Escola	23
Escola comunitária	6, 10
Ética	25
Exclusão	17
Formação de Educadores	13, 14, 15, 18, 21, 22
Gênero	1
Intercâmbio	12
Intercâmbio de Experiências	3
Leitura	20
Leitura e escrita	11
Linguagens Expressivas	18
Material didático	11, 33
Metodologias	16
Metodologias de formação	14
Mudanças Sociais	21, 27, 31, 32
Mulher	1
Oralidade e Escrita	9
Palavra geradora	2
Pensamento	8
Poesia	1
Políticos Educacionais	3
Processo de aprendizagem	16
Produção de sentido	20
Registro	12, 22
Relação Professor/Aluno	20
Relato de Experiências	4, 9, 33
Sociedade	26, 30
Violência	26, 30